

Universidade Federal de Juiz de Fora
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários

Leonardo Augusto Felipe de Mattos

**LITERATURA E HISTÓRIA:
A NARRATIVA DA ESCRAVIDÃO EM PATRICK CHAMOISEAU**

Juiz de Fora

2010

Leonardo Augusto Felipe de Mattos

**LITERATURA E HISTÓRIA:
A NARRATIVA DA ESCRAVIDÃO EM PATRICK CHAMOISEAU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jovita Maria Gerheim
Noronha

Juiz de Fora

2010

Mattos, Leonardo Augusto Felipe de.

Literatura e história: a narrativa da escravidão em Patrick Chamoiseau
/ Leonardo Augusto Felipe de Mattos. – 2011.
84 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)-Universidade Federal
de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

1. Literatura. 2. História. 3. Ressentimento. 4. Memória. I. Título.

CDU 82

Leonardo Augusto Felipe de Mattos

**LITERATURA E HISTÓRIA:
A NARRATIVA DA ESCRAVIDÃO EM PATRICK CHAMOISEAU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Área de Concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em / / .

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Jovita Maria Gerheim Noronha (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Gilvan Procópio Ribeiro
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Anderson Pires da Silva
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Silvina Carrizo
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Nicea Helena de A. Nogueira
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

Ao Antonio de Mattos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de estender meus agradecimentos a todos os que fazem parte de minha vida, em cada uma de suas instâncias: familiares, amigos, colegas de estudo e de trabalho.

Sinto-me compelido, no entanto, a agradecer diretamente a algumas pessoas:

A Jeová Deus, amigo ouvinte de minhas orações;

À minha amiga e mestra, professora Jovita Noronha, pela orientação exercida com amor e profissionalismo. Bem como pela sua generosidade e disponibilidade desde meus primeiros passos na graduação, quando era seu aluno de língua e literatura francesa, até o final desta pesquisa. Sua postura e atuação, enquanto profissional das Letras, foram fundamentais para os caminhos que resolvi trilhar;

Ao professor Gilvan, amigo e tutor intelectual, pelo carinho e amizade, pelos deleitosos e instrutivos diálogos entretidos na faculdade;

Ao professor Anderson, pela disponibilidade em fazer parte de minha banca e pelo carinho em ler o trabalho;

Às professoras Ana Beatriz, Ângela, Enilce, Márcia, Maria Luísa, Miriam, Silvina, Terezinha pelas aulas e lições ensinadas;

Ao Senhor Hermano, à Senhora Onice, à Fátima, ao Aloysio, amigos que trabalham para o bom andamento de nossa faculdade;

Aos queridos amigos da FALE e da vida, Mariana Fontes, Ingrid, Waldilene, Samuel, João, Daviane, Adriana Marques, Carolina Magaldi, Fabrícia, Gislene, Igor, Bianca, Rodrigo, Paula, Caroline Barreto, Tatiana Franca, André;

Aos amigos e alunos do Centro de Ensino de Idiomas Professor Milton Coutinho;

À amiga Dayana Faria pelo apoio, carinho e pela valiosa consultoria para a língua espanhola;

Aos meus amigos e irmãos Cleuza, Arnaud, Carlos Henrique, Leila, Lilian, Donatello, Cristiano, Cida, Saulo, Ana, Alex, Alexandre e Isabel;

A todos os meus familiares, em especial Augusta, Amilcar, Paola, Carlinhos, Yuri, Victor e Marcos, Tia Leo, pela constante atenção;

À Lívia Fernandes e ao Wagner Lacerda, amigos, companheiros, debatedores e ouvintes incansáveis de minhas idéias. Amados irmãos, nascidos para me apoiar nos momentos mais importantes de minha vida.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora pelo financiamento dessa pesquisa;

En écrivant ces deux ouvrages, *L'esclave vieil homme et le molosse* et *Un dimanche au cachot*, j'ai tenté de transformer, au plus profond de moi, le crime en expérience.

Patrick Chamoiseau

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo verificar, na obra do escritor martinicano Patrick Chamoiseau, como são mobilizados na ficção, fatos históricos referentes ao período em que, na Martinica, a mão de obra escrava sustentava a economia da ilha. Esta pesquisa se insere no campo de debates da crítica cultural e procura pensar questões que perpassam a construção de um projeto literário e político, na tentativa de objetivar um passado recalcado na sociedade antilhana. Pretende-se pensar sobre a possibilidade de a literatura ser uma alternativa à aos discursos históricos hegemônicos. Para isso, dois romances escritos por Patrick Chamoiseau são utilizados, *L'esclave vieil homme et le molosse* (1997) e *Un dimanche au cachot* (2007). O referencial teórico desta trabalho abarca textos de autores como Édouard Glissant, Georges Duby, Walter Benjamin, Jacques Derrida e Paul Ricoeur.

Palavras-chave: Literatura. História. Ressentimento. Memória. Arquivo.

RÉSUMÉ

Le but de ce travail est de vérifier, chez l'écrivain martiniquais Patrick Chamoiseau, comment s'effectue le travail avec la mémoire de l'esclavage. Cette recherche s'inscrit dans le champs de débats de la critique culturelle et propose une réflexion sur la mise en place d'un projet littéraire et politique, qui essaie d'objectiver un passé refoulé dans la société antillaise. On analysera la possibilité pour la littérature d'être une alternative aux discours historiques hégémoniques, à travers deux romans de Patrick Chamoiseau : *L'esclave vieil homme et le molosse* (1997) et *Un dimanche au cachot* (2007). Le référentiel théorique de ce travail est constitué des textes d'Édouard Glissant, Georges Duby, Walter Benjamin, Jacques Derrida et Paul Ricoeur.

Mots-clés : Littérature. Histoire. Ressentiment. Mémoire. Archive.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	PATRICK CHAMOISEAU	14
	2.1 A Martinica	15
	2.2 <i>Os códigos negros</i>	20
	2.3 O projeto estético de Patrick Chamoiseau	23
	2.4 <i>Patrick Chamoiseau</i> : entrelaçamento do discurso literário com a memória histórica	29
3	A HISTÓRIA COMO PODERIA TER SIDO: L' ESCLAVE VIEIL HOMME ET LE MOLOSSE E UN DIMANCHE AU CACHOT	36
	2.1 L'esclave vieil homme et le molosse	41
	2.2 Un dimanche au cachot	52
	2.3 A narrativa da identidade	60
4	LITERATURA E HISTÓRIA	62
	4.1 Conceito de História	62
	4.2 Arquivo : a organização dos dados via discurso literário	68
	4.3 Rememoração: a presentificação do passado	70
	4.4 A dialética do calabouço - uma proposta de versão alternativa.....	74
5	CONCLUSÃO	79
	REFERÊNCIAS	82

1 INTRODUÇÃO

A produção literária na contemporaneidade tem se preocupado em (re)pensar questões que inquietam intelectuais e sociedades. Isto se dá na medida em que uma parte considerável de seus textos (romances, contos, ensaios) parece enveredar pela (re)escrita de versões alternativas àquelas aceitas e impostas por quem sempre dominou os meios de transmitir os acontecimentos históricos.

A reconstituição de trajetórias fragmentadas e dispersas no passado, mas cujos efeitos encontram-se presentes nas sociedades onde a mão de obra escrava foi utilizada, parece ser uma das preocupações da literatura, na medida em que um embate através do imaginário mobilizaria parte das histórias esquecidas pela historiografia tradicional, o que conferiria ao texto literário uma importância enquanto lugar de discussão e reflexão.

O escritor Patrick Chamoiseau, nascido em 1953, em Fort-de-France, na Martinica, faz parte de uma geração de intelectuais caribenhos cuja atuação está centrada na afirmação de um projeto literário e político, objetivando combater e revisar os discursos históricos, políticos, sociais e culturais impostos ao povo martinicano no decorrer dos séculos.

As histórias sobre a escravidão, focadas no cotidiano e na individualidade dos escravos, parecem quase inexistentes, o que insinuaria a falta de interesse em transmitir as experiências destes indivíduos, que contribuíram com seu trabalho, com suas vidas, para a construção das sociedades para as quais foram trazidos.

A existência de documentos que legitimavam o trabalho escravo, como é o caso dos *Codes Noirs*, nas colônias francesas, revelaria o comprometimento das elites com a manutenção de um sistema de trabalho, no qual os indivíduos eram desprovidos da liberdade de escolha, eram considerados como bens móveis, não podendo nem mesmo decidir sobre seu próprio corpo. Exemplo disso, era o fato de a reprodução dos escravos ser utilizada para fins comerciais, pois o número de cativos era um dos indicadores de poder dos senhores.

O local de onde Patrick Chamoiseau evoca a memória do passado é a Martinica, e, a partir dela, tenta questionar e apresentar propostas para o tratamento de questões contemporâneas, decorrentes do sistema escravocrata, como é o caso do ressentimento encontrado no cotidiano da população, na questão linguística, cultural, social, política, da outrora sociedade escravocrata. Esta antiga colônia francesa tornou-se um departamento em 1946, o que teria gerado uma expectativa na população de melhorias nas condições de vida,

no entanto, muitas das relações entretidas durante o sistema servil parecem ter sido continuadas mesmo após a mudança no estatuto da ilha.

O escritor martinicano Édouard Glissant, refletindo sobre a departamentalização de 1946, aponta que ela seria uma maneira de distanciar o cidadão martinicano de sua realidade, enquanto sujeito membro de uma comunidade cujas fronteiras extrapolariam as Américas, pois sendo cidadão francês, deveria compartilhar, por exemplo, da mesma situação econômica, vivida por seus compatriotas, do outro lado do continente. Ele menciona o fato de em outras antigas colônias haver um embate pela conquista de sua própria identidade, da busca pela independência, desvinculando-se, assim, de uma nação dominante:

Concretização mais acabada do medo e da negação de si, [a departamentalização] marca o limite extremo da alienação, também o limite de sua expressão. Ao mesmo tempo, outras antigas colônias, que não se confundem com o Outro, tomam o duro caminho da identidade, da independência. (O que não significa que todos os problemas do neo-colonialismo estejam resolvidos). (GLISSANT, 1997, p.268)¹

Nesse sentido, Glissant vai considerar a departamentalização como uma “colonização exitosa.”

A historiadora martinicana Myriam Cottias (1997) discute a questão do esquecimento do passado escravocrata, que não teria sido, por força da departamentalização, objetivada e a presença de um sentimento de frustração nos martinicanos, quando da implementação desta política na ilha. Cottias aponta como a efetivação deste novo estatuto teria gerado problemas junto à população, uma vez que ser cidadão francês implicaria em renegar este passado traumático, os anos de regime escravocrata, sem de fato elaborá-lo. A cidadania francesa serviria como uma espécie de bálsamo para os males sofridos durante a escravidão:

O objetivo a que [os martinicanos] se propõem é uma luta para ser cidadão francês e este compromisso passa pelo esquecimento do passado. A nova cidadania deveria assim servir de transferência aos rancores acumulados durante o período da escravidão. Ela deveria ser o contra-peso do evento fundador da sociedade martinicana, a escravidão colonial. (COTTIAS, 1997, p. 301)

A história dos povos caribenhos seria marcada pela sobredeterminação, pela imposição de valores culturais, pela obediência a leis importadas, o que parece ter gerado uma relação conflituosa entre o indivíduo com seu passado, configurando-se este em uma lembrança recalcada. Assim, integrar estes indivíduos à República Francesa teria por objetivo

¹ Todas as traduções deste trabalho foram realizadas por nós.

tentar colocar em pé de igualdade o sujeito marcado por um passado traumático e sua nova condição enquanto cidadão francês:

Para todos, a ascensão à cidadania francesa e a integração à República tem por condição o nivelamento do passado. A República unifica as diferenças, cabendo aos Republicanos da Martinica apagar os particularismos e os tumores da história. (COTTIAS, 1997, p. 301)

Mas mesmo assim, a história sofrida pela população seria uma lembrança latente, que permanece e se manifesta sob a forma de ressentimento, por não ter havido uma efetiva discussão quanto às maneiras de elaborar o passado destes homens e mulheres, cujos antepassados foram trazidos do continente africano. Por não ter havido uma tentativa concreta de reestruturar este passado fragmentado, os ecos deste seu trauma ainda são ouvidos no presente:

Mais do que a transmutação do passado em força de progresso, a rememoração contínua do ressentimento perdura no seio da sociedade martinicana porque ela não pode esquecer um passado que não foi objetivado (COTTIAS, 1997, p. 313)

Assim, Patrick Chamoiseau propõe, através de sua escrita, uma alternativa para a versão colonial da história da Martinica, na medida em que mobiliza as experiências vividas durante a escravidão, reinterpretando os vestígios repertoriados, seja por meio de relatos que colocam em cena a questão da oralidade, base de sua cultura, seja através dos “lugares de memória” (NORA, 1993) revisitados em seus romances. Sua militância poderia ser considerada uma luta travada contra a política do esquecimento da cultura local e da valorização da cultura francesa em detrimento dos valores e da cultura dos povos caribenhos.

O projeto artístico de Chamoiseau se manifesta não só através de obras ficcionais, como romances, contos e peças de teatro, mas também por meio de textos críticos, ensaísticos, manifestos, palestras e conferências. Atualmente o autor mantém uma página no *Facebook*, que lhe serve de também de arena de intervenção sobre questões da atualidade. Estes trabalhos seriam a tentativa de criar um modo de dizer a si mesmo e sua cultura de uma forma particular, um modo de descolar o sujeito, que sempre esteve à margem, na “periferia”, para o centro das discussões sobre sua realidade e sobre si mesmo. Assim, em *Éloge de la créolité*, juntamente com Jean Bernabé e Rafael Confiant, ele postula:

Criar as condições de uma expressão autêntica supunha exorcizar o velho fatalismo da exterioridade. Não ter sob a pálpebra senão as pupilas do Outro invalidava os encaminhamentos, os procedimentos e os processos mais

justos. Abrir os olhos sobre si mesmo à maneira dos regionalistas não era suficiente. Dirigir o olhar para essa cultura “*fundacional-natal*” a fim de não privar nossa criatividade do que lhe é essencial, à maneira dos indigenistas haitianos, não era suficiente. Era preciso lavar os olhos: refazer a visão que tínhamos de nossa realidade para nela surpreender o verdadeiro. Um olhar novo que retiraria nosso natural do secundário ou da periferia a fim de reconduzi-lo ao centro de nós mesmos. (BERNABÉ, CHAMOISEAU, CONFIAINT, 1989, p. 23-24)

O presente trabalho se concentrará em duas obras que tem como foco central a questão da escravidão, *L’esclave vieil homme et le molosse* (1997) e *Un dimanche au cachot* (2007). O primeiro romance tem como enredo a fuga de um escravo velho de uma fazenda, e a perseguição deste por um molosso, um cão caçador de escravos fujões. A obra evoca a exterminação dos povos caribenhos, a chegada dos cativos africanos ao Caribe, o cotidiano nas plantações e a vida particular do escravo protagonista, seus dramas, suas angústias. A fuga do escravo, a trajetória feita por ele é repleta de significação, pois ocorre uma metamorfose em sua vida, na medida em que ele penetra floresta a dentro e se liberta da clausura física e psicológica que o atormentava.

Já no segundo, a trama central gira em torno da vida de uma adolescente chamada Caroline, interna em um orfanato, pois em casa sofria abusos de seus pais toxicômanos. No orfanato, a adolescente encerra-se no que parece ser um velho calabouço, que no passado fora utilizado como local de punição de escravos rebeldes. Na tentativa de tratar o trauma de Caroline, o narrador (alter-ego do autor), narra-lhe histórias de mulheres, que assim como ela, foram vítimas de violência, durante o período da escravidão. Assim, ocorre uma espécie de terapia, na medida em que a adolescente vai se apropriando de uma versão da história com a qual ela pode conviver e consegue, por fim, sair da prisão mental e espacial nas quais estava presa.

Estes romances seriam tentativas de construir um discurso histórico alternativo, lançando um modo distinto de remodelar, recontar e reinterpretar os acontecimentos, tudo isso atento à necessidade e ao compromisso de inserir as narrativas às configurações contemporâneas do discurso ficcional. Estes textos possibilitariam a encenação de enredos conectados às problemáticas caras à sociedade martinicana, o que tornaria possível a criação de versões discursivas para o estabelecimento de diálogos e novos imaginários sobre a ilha e sua história.

Esta proposta será desenvolvida respeitando a seguinte arquitetura:

No primeiro capítulo buscar-se-á apresentar o autor e seu contexto na tentativa de compreender a relevância política do tema naquela sociedade. Para isso, apresentar-se-á o

lugar de onde Chamoiseau enuncia seu discurso, a Martinica, mostrando como se deu o nascimento e o povoamento da ilha, passando pelos processos políticos que a transformaram de colônia em departamento. Procurar-se-à mostrar também as referências literárias do autor, bem como o estabelecimento de diálogos com escritores compromissados com a temática dos arquivos de um passado traumático.

No segundo capítulo, apresentar-se- o *corpus*, levantando uma discussão a respeito da capacidade de a literatura representar acontecimentos, o que a diferenciaria da história, teoricamente mais compromissada com a verdade do que aconteceu. A leitura feita dos romances tentará evidenciar como Chamoiseau tece histórias que, em suas linhas, ganham um tratamento distinto, estabelecendo um combate entre as narrativas oficiais da escravidão e a ficcionalização de enredos históricos. A narrativa como um meio de construção de identidades será analisada no final deste capítulo, pois os textos de Chamoiseau parecem estabelecer um diálogo entre si, na medida em que seus temas e seu narrador transitam em alguns de seus romances.

O terceiro capítulo será dedicado à leitura de teorias sobre os conceitos de história e de arquivo, bem como o pensamento de historiadores contemporâneos, como George Duby (1980), representante da teoria da Nova História, cuja proposta seria analisar os relatos históricos de modo mais abrangente e mais livre, o que colocaria em diálogo o olhar da literatura com o desta disciplina. A política dos arquivos é mobilizada no intuito de objetivar as memórias dispersas da escravidão, o que possibilitaria a remontagem de um passado que se encontra esfacelado e disperso.

Ainda nesse capítulo, por fim, será explicitada a possibilidade de pensar estes romances sob a perspectiva do que se poderia chamar de Dialética do calabouço, apresentada no segundo capítulo e desenvolvida no último, por meio da qual se poderia ver no encarceramento, físico ou psicológico, um lugar a partir do qual seria possível refletir questões ligadas ao tratamento da memória e da construção de identidades.

2 PATRICK CHAMOISEAU

O escritor martinicano Patrick Chamoiseau faz parte de um grupo de autores caribenhos interessados na reflexão sobre sua sociedade na contemporaneidade e na produção de pensamento crítico, a partir de um olhar lançado sobre seu passado, marcado pela dominação e pela violência do regime servil, a fim de tecer novas narrativas, compromissadas com a remodelagem de histórias da escravidão, não repertoriadas pela historiografia colonial oficial.

A atuação artística e política de Chamoiseau pode ser vista em *Eloge de la créolité* (1989), obra na qual ele e dois outros martinicanos, o escritor Raphaël Confiant e o lingüista Jean Bernabé, teorizam sobre sua condição enquanto habitantes de um departamento francês e herdeiros de uma produção literária marcada pela égide da metrópole.

Desta forma, ao transitar pelo terreno da atuação artística, os autores do *Éloge* propõem uma literatura que os exprima, se diferenciando tanto da matriz francesa, paradigma obrigatório das primeiras produções martinicanas, quanto da africana, base do movimento da Negritude que, nos anos 30, veio se opor ao primeiro paradigma, reivindicando a identidade africana para os antilhanos, sem entretanto, no plano literário, se desvincular do modelo estético metropolitano, já que se baseava na experiência de suas vanguardas.

Os escritos de Chamoiseau propõem uma alternativa crítica aos conceitos tradicionais de história que, com o tempo, mostraram-se insuficientes no que diz respeito ao tratamento do passado, vivenciado pelos ex-escravos de uma das ilhas que compõem as Antilhas francesas, a Martinica. Esta necessidade de reavaliar este passado cheio de fissuras e lacunas deixadas pela versão histórica colonial, contada pelas fontes oficiais, está descrita em *Éloge de la créolité* :

Nossa história (ou mais exatamente nossas histórias) está naufragada na História colonial. A memória coletiva é nossa urgência. O que acreditamos ser a história antilhana é somente a história da colonização das Antilhas. Sob as ondas de choque vindas da França, sob as grandes datas de chegada e de partida dos governadores, sob as incertezas das lutas coloniais, sob as belas páginas brancas da Crônica (nas quais as chamadas de nossas revoltas apareciam somente como pequenas manchas), houve nossa caminhada obstinada. A opaca resistência dos negros *marrons*² presos em seus refúgios.

² O termo *marron* vem do espanhol *simarron* e designa um macaco que vive no mato, de onde só sai, furtivamente, para se alimentar. A partir dele, se criou a palavra *marronage*, que se refere à fuga dos escravos, sóis ou em grupos, mas que é também usada no sentido cultural. Optei por conservar *marron* – e *marronage* –, e

O heroísmo novo daqueles que afrontaram o inferno escravagista, criando obscuros códigos de sobrevivência, indecifráveis qualidades de resistência, a variedade ilegível das composições, as sínteses inesperadas de vida. (BERNABÉ, CHAMOISEAU, CONFIANT, 1989, p. 36-37)

2.1 A Martinica

Para compreender a alternativa proposta por Chamoiseau faz-se necessário identificar seu lugar de enunciação – a Martinica, que é uma colônia francesa desde o século XVI e em 1946 tornou-se um departamento, estatuto que permanece até os dias de hoje. A departamentalização trouxe conseqüências para o cotidiano da ilha, pois ao estatuto de Colônia veio se substituir o de Departamento, bem como o termo assimilação, cuja carga semântica remete fortemente à idéia de dominação cultural por um outro que impõe seus valores. Neste sentido, Justin Daniel, na introdução do livro *1946-1996: cinquante ans de départmentalisation outre-mer* reflete sobre a experiência da departamentalização e da política de assimilação / integração:

Na história movimentada das quatro “velhas colônias francesas”, poucas experiências ou eventos suscitaram controvérsias tão apaixonadas quanto a departamentalização. De certa maneira, o termo é em si mesmo carregado de história, porque se substitui muito cedo por outro – a assimilação – cuja conotação é muito forte. (DANIEL, 1997, p.11)

A política de departamentalização parece fazer aflorar um sentimento de continuidade do sistema colonial, devido às atuais intervenções do poder metropolitano na sociedade martinicana. Ainda nas palavras de Justin Daniel, esta política teria gerado uma frustração junto às camadas menos favorecidas da população, o que caracterizaria a departamentalização como um processo cujas operacionalidade não atenderia as expectativas de uma comunidade sobredeterminada durante todo o sistema colonial:

A departamentalização é um processo inacabado : no imaginário coletivo, ela circunscreve, primeiramente, um espaço de lutas coletivas face às reticências de um poder metropolitano espontaneamente levado a diferenciar a extensão e a aplicação das leis, nutrindo assim expectativas na medida das frustrações engendradas no seio das camadas oprimidas ao longo da colonização. (DANIEL, 1997, p. 11)

não quilombola, pois, nas Antilhas, não existiam estruturas semelhantes aos quilombos, onde se organizava uma vida comunitária.

Em *Le discours antillais* (1997), Glissant apresenta alguns dos fatores que teriam contribuído para a atual situação da sociedade martinicana, que seria marcada por questionamentos de ordem identitários. Ele ressalta a relevância do processo de colonização, fator que poderia levar a rejeição do território como lar, uma vez que, a despeito da pré-existência da ilha, o que hoje é conhecido como Martinica, seria uma sociedade forjada, para onde esses povos vindos de várias partes como a África, a Índia, foram trazidos. A população original, composta de ameríndios, fora dizimada, o que, de início, estigmatizaria o local como um espaço constituído sobre a dor e a violência.

Glissant destaca também a questão lingüística, pois o crioulo, idioma falado pela população martinicana, foi criado diante de uma necessidade que lhe fora imposta, a convivência com colonizadores franceses e com africanos que não falavam a mesma língua. Mas o crioulo seria uma marca de resistência, pois nascera da fusão entre o idioma francês e as línguas e dialetos dos diversos escravos que trabalhavam nas plantações. Houve, porém, uma política de valorização do idioma do colonizador, o idioma francês, língua de prestígio, o que ameaçaria de desaparecimento mais um traço cultural do povo martinicano:

A Martinica representa um caso de país “constituído” a partir do ato de colonização (após terem sido dizimados os caríbas e sua cultura). Em matéria de tradições, de organização social, de costumes ou de crença, não houve nenhuma instituição aqui que tenha precedido à colonização nem que lhe tenha, por natureza, resistido. Deu-se o mesmo com a língua falada pela massa dos martinicanos: o crioulo. Língua formada pelo ato de colonização, mantida em um estatuto inferior, levada à estagnação, contaminada pela prática de valorização do francês, e enfim ameaçada de desaparecimento. (GLISSANT, 1997, p.541)

Glissant considera também o fato de ser a Martinica um território onde nada se produz, dado que parece contribuir para que esta comunidade não consiga intervir ou projetar para si um futuro. Para o autor, a língua crioula encontra-se em um estado que não permite seu desenvolvimento, sua evolução, o que seria esperado de todos os idiomas cujos falantes são numerosos. Essa paralisia da língua crioula, esse recuo que parece atingi-la, seria o resultado de uma política de dominação pela língua francesa, que tornaria infrutífera a função criadora do crioulo:

Terra sem produção, a Martinica torna-se cada vez mais incapaz de determinar seu futuro. Particularmente, a língua crioula é mantida na impossibilidade de se desenvolver funcionalmente, e se aproxima de um estado de patoá afrancesado. (GLISSANT, 1997, p.541)

Os martinicanos, por não terem que produzir, nem que pensar sua sobrevivência – pois, ao se tornar departamento ultramarino, tudo o que consomem (bens materiais e culturais) vem da metrópole –, tornaram-se não agentes de sua própria história, mas sujeitos a ela, ou seja, um país de simples consumidores. Quanto a isso, Glissant reflete sobre as causas dessa “falta de projeção para o futuro”, uma vez que a história fora rasurada:

A inconsciente e lancinante necessidade de se conhecer se perde na ausência do sentido e da dimensão históricos. Não só a história foi coletivamente sofrida, mas ainda foi “rasurada”. Esta falta de memória coletiva dá conta (parcialmente) da descontinuidade que caracterizou o povo martinicano em suas obras. Enfim, como não há nem presença (ou sentido) da história, nem memória coletiva, não há o que constitui o seu legítimo corolário, a projeção no futuro. (GLISSANT, 1997, p.149)

A presença da cultura francesa na Martinica, por exemplo, tem uma força muito grande no imaginário do martinicano. A negação de uma cultura surgida em um período marcado pela violência, o da colonização e da escravidão e a valorização da cultura francesa, reforçam ainda mais, por parte dos intelectuais, os questionamentos acerca da política de assimilação conduzida pela França. Para Chamoiseau, todos os aspectos da expressão martinicana, estariam comprometidos pelo imaginário ocidental:

[...] a cultura crioula, antilhana, martinicana, nascida durante a escravidão, a colonização, é completamente desvalorizada em proveito da cultura francesa. [...] Há um processo de afrancesamento e de alienação de identidade cultural que é muito forte. A língua crioula, a cultura crioula, o imaginário crioulo, a sensibilidade crioula são atualmente dominados pelo imaginário francês, o imaginário ocidental. (CHAMOISEAU *apud* VIANNA, 2006, p.584)

Um dos resultados desta situação de dominação se manifesta na diglossia, pois na Martinica existem duas línguas – o francês e o crioulo - em situação de desigualdade: o francês, língua oficial, de prestígio, ligado à escrita e à alta cultura, e o crioulo, língua oral, desvalorizada, pois considerada por muito tempo como um patoá, e vinculada à cultura popular. Para Édouard Glissant, esta convivência de duas línguas e as situações que dela decorrem, como, por exemplo, a supervalorização da língua francesa, se configuraria em um “tormento”: “É o caso nas pequenas Antilhas francófonas, onde a língua materna, o crioulo, e a língua oficial, o francês, entretêm junto ao antilhano um insuspeito tormento.” (GLISSANT, 1997, p.402) Estas palavras de Glissant fazem parte de sua discussão sobre o que ele chama de “Poéticas forçadas”, de onde surgiria a questão do tormento. Para ele, “não se trata de uma tentativa (compósita e “voluntária”) de expressão, através da qual se experimenta na linguagem. Há uma poética forçada quando uma necessidade de expressão confronta uma

impossibilidade para se exprimir.” (GLISSANT, 1997, p.402) Seria a tarefa de expressar sua cultura, seus hábitos, seus valores, em uma língua imposta, em uma língua outra, que não a sua: “Acontece que este confronto se dá na oposição entre o conteúdo exprimível e a língua sugerida ou imposta. (GLISSANT, 1997, p.402)

Em *Écrire en pays dominé* (1997), Chamoiseau expõe sua própria experiência neste sentido, na medida em que seus primeiros escritos se espelhavam e refletiam uma realidade que lhe era alheia. Lugares, temas, personagens não faziam parte de sua vivência, embora habitassem seu imaginário:

Eu lera, imitara, escrevera e desenhara pequenas histórias que não se passavam nas Antilhas, nos lugares de minhas leituras: Paris, a Provença, New York, Chicago, Montreal, a selva, uma ilha deserta, florestas nevadas, as estepes. Meus personagens também não se pareciam comigo, eles tinham os cabelos ao vento e os olhos azuis de meus heróis. [...] Eu exprimia o que não era. Percebia do mundo somente uma construção ocidental, desabitada, e ela me parecia a única válida. (CHAMOISEAU, 1996, p. 44-45)

Diante da dicotomia francês / crioulo, houve a necessidade de ser criar um “meio termo” entre o padrão e o “coloquial familiar”. A esta variante, a professora Sylviane Telchid chama de “francês regional das Antilhas”. Em seu dicionário intitulado *Dictionnaire du français regional des Antilles*, ela comenta:

O francês regional das Antilhas é uma maneira pessoal para o Antilhano de viver a língua francesa. É de certa forma um compromisso entre o francês padrão que ele aprende na escola e o crioulo, sua língua materna e o fundamento de sua cultura. [...] o francês regional das Antilhas se apropriou de certas palavras francesas cujo sentido ele modificou e das quais criou até mesmo falsos cognatos. (TELCHID, 2007, p. 222)

Chamoiseau pensa sobre sua condição enquanto sujeito antilhano, marcado pela imposição de valores culturais, oriundos da metrópole europeia e tidos como superiores, e sobre as muitas e complexas relações interculturais que lhe deram origem, pois se considera fruto de uma cultura nascida do enfrentamento entre colonizador e colonizado, do entrecruzamento de povos diversos. Em *Éloge de la Créolité*, os autores refletem sobre o surgimento da necessidade de estes povos transplantados à força para o Caribe reinventarem a vida, no sentido de criarem formas de representar seus valores, suas culturas, que seriam por sua vez influenciadas pela diversidade oriunda da mescla, dos entrelaçamentos linguísticos, decorrentes da presença de diferentes povos que vieram viver na ilha.

Os intelectuais martinicanos do *Éloge* parecem entender então que toda esta rede de relações étnicas e culturais que entretêm os povos caribenhos seria o prenúncio de um mundo

baseado não mais em valores universais rígidos e uniformes, mas em formas de se relacionar ancoradas na diversidade e na dinamicidade:

Durante três séculos, as ilhas e as áreas do continente que esse fenômeno afetou foram verdadeiras forjas de uma humanidade nova, onde línguas, raças, religiões, costumes, maneiras de ser de todas as faces do mundo, encontraram-se brutalmente desterritorializadas, transplantadas em um contexto onde tiveram que reinventar a vida. Nossa criouldade nasceu, portanto, desse formidável caldo que se tratou rapidamente de reduzir a seu único aspecto lingüístico ou a um só dos termos de sua composição. Nossa personalidade cultural carrega ao mesmo tempo os estigmas desse universo e os testemunhos de sua negação. Nós nos forjamos na aceitação e na recusa, portanto no questionamento permanente, em total familiaridade com as ambigüidades mais complexas, fora de todas as reduções, de toda pureza, de todo empobrecimento. Nossa História é uma trança de histórias. Experimentamos todas as línguas, todos os falares. Temendo esse desconfortável magma, tentamos em vão fixá-lo em longínquos míticos (olhar exterior, África, Europa, hoje ainda, Índia ou América) e procurar refúgio na normalidade fechada das culturas milenares, sem saber que éramos a antecipação do contato das culturas, do mundo futuro que já se anuncia. Somos, ao mesmo tempo, a Europa, a África, alimentados de contribuições asiáticas, levantinas, indianas, e nos constituímos também das sobrevivências da América pré-colombiana. (BERNABÉ, CHAMOISEAU, CONFIANT, 1989, p. 26).

Um acontecimento decisivo nessa história foi a chegada dos Negros, a utilização de sua mão de obra, as mudanças na organização social ocorridas com a presença destes numerosos cativos nas terras caribenhas. E isso parece ficar evidente, pelos esforços das autoridades em tentar regulamentar a escravidão, para que esta prática não fugisse do controle do governo francês, e, sobretudo, não subvertesse a ordem religiosa e política, uma vez que muito africanos provenientes de impérios estabelecidos, com suas crenças, suas leis, nem se convertesse em prejuízo econômico. Preocupado com esta necessidade, o rei Luis XIV ordenou a edição de um código que estabelecesse os parâmetros para a vida nas colônias mantidas pelo trabalho escravo. A publicação de *Os códigos negros (Les codes noirs)* demonstra essa preocupação, visto que seu texto é veemente, por exemplo, quanto à importância da imposição da religião católica aos cativos e de serem estes últimos bens móveis, ou seja, mercadorias, podendo, portanto, ser comercializados ao bel prazer de seus senhores. É um documento relevante para a compreensão de textos literários que enveredam pelo terreno da escravidão.

2.2 *Os códigos negros*

Os códigos negros foram publicados em março de 1685, durante o reinado de Luís XIV e regulamentavam a vida dos escravos nas ilhas francesas. Eles continham aspectos civis e penais envolvendo o tráfico de escravos, sua comercialização e sua manutenção nas propriedades para onde eram vendidos.

A partir da leitura deste documento, pode-se perceber a preocupação em esclarecer e ratificar a questão religiosa e o estatuto do cativo no Antigo Regime. Gozando de grande prestígio, fora utilizada para justificar a escravidão e alienar os negros de suas raízes culturais, uma vez que lhes foram impostos os seus dogmas e a proibição de manifestarem suas crenças, trazidas de África. A fé católica parece ter sido um dos instrumentos mais eficientes na concretização do projeto da monarquia francesa, a fim de que seus cativos lhes fossem submissos, aceitando sem contestação sua sorte. O segundo artigo do *Code* ordenava: “Todos os escravos que estiverem em nossas ilhas serão batizados e instruídos na religião católica, apostólica e romana.” (2006, p.38)

O negro era tido como um objeto, um bem e, como tal, não dispunha de direito civil, nem mesmo sobre o próprio corpo. O alto preço que pagavam pelos escravos parece influenciar os senhores a não os explorar ao extremo frequentemente, o que não os impedia de aplicar castigos severos por vezes. O quadragésimo quarto artigo do Código versa sobre a condição dos escravos: “Declaramos ser os escravos móveis [...]” (2006, p.52) As punições corporais eram aplicadas, por exemplo, em casos de infrações, como fugas, roubos e atos de violência contra os brancos. Assim, o corpo era marcado, violentado, amputado, muitas vezes funcionava como castigo exemplar e uma maneira de estigmatizar aquele escravo para sempre como sendo um infrator. O trigésimo oitavo artigo do Código mostra a punição para o escravo fugido como sendo “o corte das orelhas e a marca dos ombros a ferro” (2006, p.50). Caso a ação se repetisse, o seu jarrete seria cortado, e na terceira vez ele seria punido com a morte. (2006, p.50).

A deputada da Guyana francesa Christiane Taubira³, na introdução da edição impressa em 2006 de *Os códigos negros*, explica o modo como se dava a captura, o transporte, o cotidiano dos escravos, dos membros do navio, desde a saída do continente africano até a chegada ao Caribe.

³ Autora da lei de 21 de maio de 2001, reconhecendo o tráfico de escravos e a escravidão como crime contra a humanidade.

Primeiro, os escravos eram capturados em suas comunidades, muitas vezes no interior das florestas, onde habitavam e, em seguida, eram levados para os entrepostos de onde eram despachados. Eram literalmente arrancados de seu local de origem: “Antes de chegar ao Novo Mundo, eram deportados de África, após terem sido perseguidos, capturados, também em vilarejos dentro da floresta, e em seguida encaminhados até barracões ou escravarias costeiras [...]”. (2006, p.X) Quando chegavam a estes entrepostos, eram separados em lotes, o que facilitava o trabalho dos comerciantes, para que, com isso, vendessem mais rápido as crianças, os adolescentes e os mais fracos: “Eles eram vendidos em lotes, o que permite carregar mais rapidamente os navios e aos intermediários, vender mais facilmente as crianças, os adolescentes e os adultos fracos.” (2006, p.X) Nestes entrepostos as mulheres eram violentadas pelos marinheiros. No entanto, os capitães ignoravam este ato, uma vez que dele poderia surgir uma gravidez com a qual lucrariam financeiramente. Os compradores analisavam cuidadosamente o estado físico dos escravos, como a situação dos dentes e dos olhos: “As jovens eram frequentemente submetidas ao ritual da tripulação, estupradas pelos marinheiros, ato abusivo imediato e investimento para o capitão [...], portanto, uma valorização de sua mercadoria.” (2006, p.XI). Havia, também, nestes entrepostos fossas onde os escravos eram deixados para uma espécie de preparação para a longa viagem de travessia do Atlântico, de África até o Caribe. Visto que seriam obrigados a ficar semanas a fio no porão dos navios, onde não havia luz natural, o aparecimento de doenças decorrentes da exposição a este tipo de situação, levava à perda de indivíduos, o que acarretaria em prejuízo para o negociante. Assim, essa espécie de laboratório colocava à prova a resistência dos escravos, e o final da experiência lhes apresentava dois destinos: caso resistissem, estavam aptos para serem embarcados; caso apresentassem alguma fraqueza, eram jogados aos crocodilos, pois não serviriam para a comercialização:

Este fosso era rodeado por uma fossa de crocodilos aos quais eram jogados aqueles que, antes do prazo de três semanas de interposto, mostravam sinais de fraqueza. Um outro grande fosso ficava no subsolo e servia para preparar os escravos para as semanas de navegação no fundo do porão escuro. Os que apresentassem problemas de vista serviam para alimentar os crocodilos. (2006, XI-XII)

Após este período de provação, a transação era enfim concluída e “o rebanho humano” era marcado com ferro quente.” (XII) À transação, seguia-se a embarcação dos escravos nos navios. Eles eram acorrentados, despídos, posicionados de forma a otimizar o espaço, para que o maior número de pessoas possível pudesse ser transportado:

Os escravos, acorrentados de dois em dois, eram alinhados de modo que coubesse o maior número possível, e eles faziam a viagem nus, para evitar os piolhos e reduzir a taxa de mortalidade principalmente devido ao escorbuto, que os historiadores avaliam entre dez e trinta por cento. (2006, XII-XIII).

Aos escravos era concedida, a cada quinze dias, e sob a vigilância dos marinheiros, uma ida ao convés, para que respirassem ar puro, andassem um pouco e saíssem da inércia a que eram forçosamente submetidos. Evidentemente, esta não era uma prática que demonstrava a boa intenção dos capitães, era antes uma ação necessária para aumentar sua sobrevivência. Alguns deles aproveitavam este momento para se jogarem aos tubarões e outros para iniciarem uma rebelião:

A cada quinze dias, eles eram conduzidos ao convés para fazer alguns exercícios, correr ou dançar, sob vigília de marinheiros armados. Frequentemente, aproveitaram destes momentos para, se jogar aos tubarões ou tentar uma revolta, que em caso de fracasso era impiedosamente reprimida. (XIII)

A leitura do texto da deputada Christiane Taubira e suas reflexões sobre o tráfico e o trabalho escravo nas Antilhas vai ao encontro da abordagem feita por Édouard Glissant (1997), para quem todo este passado estigmatizado pela escravidão atua diretamente na concepção e construção dos conceitos de história e de sociedade. Esta história marcada pela violência do tráfico, do trabalho forçado, dos abusos cometidos pelos senhores, dos castigos excessivos deixou marcas nas sociedades antilhanas: as conseqüências advindas destas práticas influem na estrutura, na organização social destas comunidades, bem como no processo de construção da identidade coletiva. Os antilhanos parecem passar por um processo particular de tessitura de sua história, de afirmação de seu passado, uma vez que o retorno a este deixa transparecer as brechas e as fissuras, muitas vezes causadas pela negação deste vivido. Esta incongruência histórica leva ao que Glissant nomeia de “não-história”, que não seria a ausência de uma versão, mas a camuflagem das versões alternativas que pretendem dar conta das histórias destas ilhas, do processo de colonização até a atualidade:

As Antilhas são o lugar de uma história feita de rupturas e cujo começo foi um golpe brutal, o tráfico de escravos. Nossa consciência histórica não podia “sedimentar”, se pode-se assim dizer, de maneira progressiva e contínua, à maneira dos povos que produziram uma filosofia frequentemente totalitária da história, os povos europeus, mas se uniu sob os auspícios do choque, da contração, da negação dolorosa, e da explosão. Esta descontinuidade dentro da continuidade e a impossibilidade para a consciência coletiva de dar a volta, caracterizam o que eu chamo de uma não-história. (GLISSANT, 1997, p. 223-224).

O projeto estético de Chamoiseau seria uma proposta de reinterpretação, resignificação e reconstrução desse passado, pois seu combate através do imaginário e suas estratégias de representação parecem reescrever as páginas rasuradas da história da Martinica, propondo-lhe uma alternativa crítica de abordagem deste passado.

2.3 O projeto estético e político de Patrick Chamoiseau

O texto de Chamoiseau configura-se como um lugar onde se trava um embate contra os moldes eurocêntricos impostos. Por não pretender ser documento histórico, sua narrativa lança mão de uma das mais preponderantes estratégias dos textos literários, a *mimesis*⁴, para tecer uma narrativa na qual o combate e as respostas às políticas do esquecimento são dotados de muita inventividade. Desta forma, ao intervir na linguagem, dotada da capacidade de criar realidades, ele propõe novas versões históricas, cumprindo assim sua função como intelectual, pois, segundo analisa Glissant: “Como a memória histórica foi muito frequentemente rasurada, o escritor antilhano deve “escavar” essa memória, a partir de vestígios às vezes latentes que ele assinalou no real” (GLISSANT, 1981, p. 227, 228).

Ao fazê-lo Chamoiseau constrói um discurso que vem reavaliar sua questão individual e coletiva: a identitária. Como aponta, entre outros analistas, Jovita Maria Gerheim Noronha: “O escritor antilhano, tal como é definido no *Eloge*, seria o mediador entre essas duas culturas, inscrevendo-se assim na tradição dos *conteurs*, os contadores de histórias.” (NORONHA, 2003, p.3). Estes contadores seriam então os responsáveis pela transmissão de sua cultura e os articuladores de um discurso outro. E este é seu grande desejo: ser transmissor de uma cultura, cujos valores são constantemente ameaçados pela política de assimilação conduzida pela metrópole. As implicações da tarefa de mediar a passagem do oral para o escrito são apontadas por Édouard Glissant, em *Le discours antillais* (1997), e, para demonstrar os caminhos a serem traçados para enfrentar a realização deste trabalho, ele estabelece uma comparação com a imagem do corpo móvel/inerte:

⁴ O conceito de *Mimesis* adotado neste trabalho, tem com base, a definição do filósofo grego Aristóteles, para quem: [...] a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas quais podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade. (ARISTÓTELES, 1988, p.28) Desta forma, parece ser relevante aproximar a leitura das obras de Patrick Chamoiseau a tal conceito, para que se possa melhor compreendê-las.

A escrita supõe o não movimento do corpo: o corpo não acompanha o fluxo do dito. É preciso que o corpo repouse. [...] O oral, ao contrário, é inseparável do movimento do corpo. [...] Passar do oral ao escrito é imobilizar o corpo, o submetê-lo, possuí-lo. [...] Neste universo mudo, a voz e o corpo são a busca de uma falta. (GLISSANT, 1997, p.404-405).

A cultura martinicana é marcada pelo relato oral, transmitidos pelos contadores, no entanto, a escrita passa a preencher o espaço outrora ocupado pela transmissão oral. Assim, estabelece-se um embate tácito entre as manifestações culturais orais e escritas, e os artistas tem de constituir seus relatos dentro deste limite, entre o oral e o escrito. Desta forma, segundo Chamoiseau, caberia aos herdeiros dos contadores de histórias a missão de ser o elo entre a cultura popular oral e as formas contemporâneas de expressão, a fim de que se dê continuidade à tradição, na medida em que se combate a idéia de que o legado francês, representado pela cultura escrita, seria a única referencia possível. Para Glissant, a efetivação de tal empresa seria um processo complexo, que ele chama de “poética forçada”:

Eu sou de um país onde se faz a passagem de uma literatura oral tradicional, forçada, a uma literatura escrita, não menos forçada. Minha linguagem tenta se construir no limite do escrito e do falado; assinalar tal passagem – o que é certamente árduo em todas as abordagens literárias. (GLISSANT, 1997, p.439).

Assim, segundo Glissant, as produções literárias que nascem do embate entre escrita e oralidade, independente do idioma em que são veiculadas, parecem construir uma linguagem focada na palavra, em sua força de enunciação, de apreensão do tempo, mimetizadas em sua sintaxe, o que se configuraria em uma tentativa de apreender e utilizar diversas técnicas de expressão, diferentes formas de dizer sua cultura. A escrita se revestiria de uma estética particular, na tentativa de recuperar a dinamicidade e a espontaneidade próprias à oralidade:

Eu acredito que, para além das línguas utilizadas, há uma linguagem do romance americano que é feita, por sua vez, de uma reação de confiança nas palavras, de uma cumplicidade com a palavra, de uma concepção operatória com a duração (consequentemente da duração sintática) e, enfim, de uma ligação muito tumultuada entre escrita e oralidade. (GLISSANT, 1997, p.439).

Chamoiseau parece reconhecer os obstáculos que se lhe apresentam ao empreender esta tarefa: “Quando vemos um contador narrar uma história, é praticamente impossível reproduzir por escrito o que ele contou. A economia da oralidade é completamente diferente da economia da escrita” (CHAMOISEAU *apud* VIANNA, 2006, p.582). Ao mesmo tempo, aponta para o que parece ser uma saída para esta problemática, que seria a adequação desta oralidade às exigências da escrita: “Hoje, nossa problemática, o trabalho que temos para fazer,

é recuperar esta oralidade que está no início de nossa existência, de nossa cultura, e fazer de uma maneira que esta oralidade possa se adequar às exigências da escrita. (CHAMOISEAU *apud* VIANNA, 2006, p.582).

A execução do trabalho de inventariar o passado de seu povo deve recorrer a outras disciplinas, como a etnografia, a antropologia, a sociologia, a filosofia, o que evidencia uma abertura para um olhar interdisciplinar a fim de abordar questões sócio-político-culturais presentes em uma sociedade marcada pelo esfacelamento de seu passado:

É por isso que o trabalho de etnografia me parece interessante. [...] Eu diria: [quem o faz] tem um trabalho de etnografia, de antropologia, de sociólogo, de filósofo, um trabalho de recuperação de sua base antropológica, e é a partir deste trabalho de recuperação de sua base antropológica que poderá fazer o trabalho de abertura em direção aos outros [...] (CHAMOISEAU *apud* VIANNA, 2006, p.584).

Nota-se, no entanto, uma remodelagem na mobilização que Chamoiseau faz no exercício da atividade de etnógrafo em seu trabalho, pois para que se efetivasse o balanço e a análise dos dados, à maneira clássica, inventariados por ele, seria necessário acessá-los de uma forma mais concreta, tarefa difícil em se tratando de fazer um levantamento da cultura martinicana. A transcrição destes relatos parece ser uma tarefa cuja execução esbarra em questões como a limitação da escrita em representar as nuances, as entonações da fala.

Assim, parece que fazer uma listagem das práticas culturais existentes na sociedade martinicana e sistematizá-las com a ajuda de métodos clássicos, que não levariam em consideração as contradições, as particularidades, os entrelaçamentos lingüísticos e étnicos, a diversidade resultante do processo de colonização desta ilha caribenha, não se adequaria ao projeto artístico e político de Patrick Chamoiseau. Desta forma, abordar de um modo atento à pluralidade existente nesta ilha poderia ser uma opção crítica de olhar para as questões histórico-político-culturais concernentes à Martinica.

Desta forma, ao encenar em seus romances uma espécie de exercício etnográfico, Chamoiseau parece apontar para a necessidade de recorrer ao discurso ficcional para recompor o universo caribenho, encontrando na performance criativa do artista uma saída, uma opção de abordagem, indo ao encontro do projeto do intelectual exposto por ele, Confiant e Bernabé em *Éloge de la Créolité*: “Só o conhecimento poético, o conhecimento romanesco, o conhecimento literário, em suma, o conhecimento artístico, poderá nos revelar, nos apreender, reanimar nossa consciência evanescente.” (BERNABÉ, CHAMOISEAU, CONFIAINT, 1989, p.38)

A figura do contador de histórias não é esquecida nesse método de abordagem, ela parece ser, então, rearranjada de acordo com o molde proposto por Chamoiseau para tentar dar conta da realidade martinicana, sem cair na representação realista. Na figura do contador, Chamoiseau evoca sua reverência pela tradição oral, por ter como base o trabalho de seus predecessores, não hesitando em inovar no tratamento que dá ao material supostamente repertoriado pelo narrador, uma vez que a reinterpretação da tradição parece ser a resposta e a saída do impasse da questão da narrativa histórica colonial tradicional.

A prática literária de Chamoiseau, enquanto mediadora entre o popular e o erudito, pode ser vista em seus romances. Em todos eles – *Chronique des sept misères* (1986), *Solibo Magnifique* (1988), *Texaco* (1992), *L’esclave vieil homme et le molosse* (1997), *Biblique des derniers gestes* (2002), *Un Dimanche au cachot* (2007) –, nota-se o trabalho do escritor, representado no texto por seus alter-ego – *Ethnographe*, *Marqueur de Paroles*, *Guerrier de l’imaginaire*, *Éducateur*, cuja função seria a de mediador entre o relato oral e a cultura escrita e preservador da cultura popular.

A figura do *Marqueur de paroles* já havia aparecido em outras obras do autor, como *Chronique des sept misères* (1986) e *L’esclave vieil homme et le molosse* (1997). Em crioulo, *marquer*, *matjé*, significa tanto escrever quanto “solo-ritmar o concerto dos tambores-ka” (CHAMOISEAU, CONFIANT, 1999), que acompanham a fala do *conteur*. Desta forma, a partir desta definição, pode-se melhor compreender o sentido do projeto de Patrick Chamoiseau, como continuador e preservador da cultura oral, na medida em que a atualiza. É também o mediador, segundo ele, entre o relato oral – de natureza espontânea, livre e dinâmica - e sua difícil passagem para o escrito – imóvel, pois está preso às regras da escrita.

O *Guerrier de l’imaginaire* seria sua resposta estética e sua política de resistência possível no contexto da globalização, de dominação exercida sobre e através do imaginário, no qual as armas tradicionais das lutas independentistas do século XX se tornaram inoperantes. Para resistir a essa nova forma de dominação, o autor propõe a mobilização artística desse mesmo imaginário, repudiando o caminho da violência.

O *Éducateur* seria a mais nova das *personas* encarnadas pelo narrador, aparecendo pela primeira vez em *Un Dimanche au cachot*. Patrick Chamoiseau a introduz em seu romance, de modo que sua profissão real – assistente social – é posta em ação na narrativa, alimentando ainda mais o entrelaçamento de realidade e ficção presentes na tessitura do texto. Nesta função, o *Éducateur* desempenha um importante papel: o de tentar recuperar uma jovem em situação de risco. Para isso, cabe a ele reconhecer sua situação social fragilizada e propor-lhe uma saída possível. O narrador evidencia saber o que se passa com ela e aponta

para o que seria uma possível solução: “Son chemin a été brisé, il y a un grand trou devant, et elle est coincée. Il lui faut une passerelle, n’importe laquelle”. (CHAMOISEAU, 2007, p.121). Ou seja, a passarela que o educador lhe proporá servirá de meio para que ela efetue a travessia por sobre o fosso que se instaurou entre o calabouço onde buscou refugio e o mundo real.

O compromisso com a arte pretendido pelo trabalho de Patrick Chamoiseau parece encontrar em suas estratégias de representação, uma saída para a empreitada de criar em seus romances uma ambientação na qual possa, servindo-se das realidades cotidianas, atuais ou não, encenar situações, cujo resultado parece ser o de oferecer aos leitores uma alternativa crítica aos lugares comuns referentes às histórias de escravos fugitivos, da violência do tráfico, da desumanização do indivíduo submetido ao trabalho forçado.

A relevância de uma alternativa estética aos lugares comuns da representação artística de realidades humanas, sociais e capaz de se apresentar como um ponto de referência a partir do qual se poderia projetar um futuro mais livre criticamente, tanto para o artista, quanto para a sociedade do qual faz parte, é pensado por Jacques Rancinière:

A diferença da arte só existe se ela é construída caso a caso, passo a passo, nas estratégias singulares do artista. O artista deve fazer intencionalmente uma obra capaz de emancipar-se como potência do impessoal e do inumano. E deve fazê-lo arriscando a cada passo que essa impessoalidade da arte se confunda com uma outra, com a prosa ou os clichês de um mundo do qual nenhuma barreira real a separa. A diferença estética deve ser feita a cada vez a forma do *como se*. A obra é a metáfora prolongada da diferença inconsciente que a existir como presente da arte e futuro de um povo. (RANCINIÈRE, 2007, p. 136-137)

O texto de Chamoiseau parece, então, ancorar-se no que seria próprio ao trabalho artístico, a saber, a possibilidade de interferir no olhar que se é lançado sobre a realidade. A capacidade da arte de recriar e transformar realidades libertaria a percepção da rigidez dos particularismos, que no decorrer da história deu preferência a uma versão sócio-politicamente conveniente dos fatos, e seria, como aponta Eagleton, um agente transformador:

A arte recria as coisas individuais na forma de suas essências universais, e ao fazê-lo torna-as inimitavelmente elas próprias. No decurso disso, ela as converte de contingência a necessidade, de dependência, a liberdade. (EAGLETON, 2005. p.85).

Em *Éloge de la créolité*, Chamoiseau verbaliza a necessidade de se fazer uma avaliação de algumas produções artísticas “comercializadas”, voltadas para “turistas

curiosos”, ou seja, em busca de estereótipos, o que não é novidade quando se trata do olhar do outro sobre as culturas outrora colonizadas. Diz-se no livro:

Houve, felizmente, insignificantes reprodutores de gestos incompreendidos, modestos cultivadores de lembranças inúteis, houve obscuros diretores de uma cultura comercializada para turistas mais curiosos de nós que nós mesmos, houve epígonos medíocres de uma fala repisada, ingênuos promotores de um carnaval aviltado, mercadores obstinados de um *zouk* estridente e ensurdecedor. Raramente escaparam à qualificação — proclamada ou sussurada — de doudouisme⁵ e de folklorismo. (BERNABÉ, CHAMOISEAU, CONFIANT, 1989, p. 35-36)

Sendo assim, o desejo de compreender este presente é o que o move a lançar um olhar crítico em direção ao passado, ao deparar-se com os atuais relatos de indivíduos vítimas da violência urbana, das diversas formas modernas de escravidão.

Eurídice Figueiredo já chamara a atenção para a abordagem de histórias, crônicas do cotidiano, tecidas a partir de personagens comuns nos textos de Chamoiseau em seu livro *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana* (1998), ao apresentar a seguinte linha de raciocínio sobre os escritos do autor:

Crônicas a partir de memórias, verdadeiras ou ficcionais, que compõem uma visão da história do país, narrativas que ajudam a instaurar novos imaginários sobre a nação, moldando uma imagem multifacetada, que une o sério e o cômico, o alto e o baixo, práticas discursivas sobre o humor, o amor e o sexo. (FIGUEIREDO, 1998, p.116)

Não só a criatividade em recriar estas histórias, mas também a importância de abordar cada caso de maneira distinta são apontadas pelo crítico equatoriano Franklin Miranda (2005), cujos estudos sugerem e problematizam a herança africana nas Américas. Enfatizando a importância de se evitar os essencialismos ocidentais no tratamento das questões relacionadas aos povos americanos e afro-descendentes pelos autores que se dispuseram a tratar do tema, Miranda reflete sobre a relevância de se levar em conta fatores como o momento histórico, o local, a situação econômica na abordagem crítica ou artística das histórias da escravidão. Ele ressalta a relevância de:

⁵ O guadalupense Ernest Pépin situa a criação literária de seu país na dor provocada pela brutalidade da escravidão: “Minha história, diz ele, é a da conquista do direito ao *status* de humano. Eu considero, então, a consistência histórica e a mitologia para assentar minha experiência”. Ernest Pépin fala da poesia das origens até nossos dias. Quando ele volta no tempo, o poeta lembra que até 1848, quando liberaram-se as correntes, é a oralidade e a oralitura que se manifestavam como expressões através da escritura. Desde o início da colonização, os poetas brancos crioulos, que viviam em Paris, manifestavam um desinteresse de identidade guadalupense. Sua ideologia consiste em defender o princípio da escravidão, fazendo apologia à servidão. Em seguida, os mulatos fazem a poesia de inspiração exótica. Eles cantam a mulher amada, a beleza da paisagem. Estes poetas apresentam as Antilhas como um paraíso. É a era que se chama entre nós de Doudoísmo. A esse respeito ver: <http://www.africaonline.co.ci/AfricaOnline/infos/notrevoie/614ACCI1.HTM>, acessado em 15 de março de 2010.

[levar] em conta que os processos vitais de construção identitária (transculturados) que viveram os povos afro-descendentes foram diferentes segundo contextos históricos, sociais, econômicos, geográficos e culturais dissímiles. (MIRANDA, 2005, p.26).

Chamoiseau responderia assim a uma necessidade neste tipo de sociedade – antigas *plantations*, ou territórios onde a mão de obra escrava foi muito utilizada para o cultivo da cana de açúcar. As histórias de suas personagens se entrelaçam, seja pela similaridade temática, seja pelo desejo de se recusarem a ser encaradas de modo uniforme, ou seja, presas a estereótipos que igualam todas histórias individuais dos milhões de negros que vieram de África, apagando suas individualidades, suas identidades.

O que serve de matéria para Patrick Chamoiseau parece ser aquilo que a sociedade rejeita, descarta, evita, personagens que normalmente estiveram à margem. Essas personagens são transformadas em protagonistas de seus romances. Suas vidas e seus conflitos recebem uma abordagem de que somente a literatura daria conta, pois, do contrário, se tornariam simples *faits divers* de periódicos de massa. Assim, ao alçar tais personagens ao status de protagonistas de suas histórias, o autor aponta, de forma subliminar, para a necessidade de revelar o passado destes indivíduos inseridos num presente que lhes é tão adverso.

Em *Écrire en pays dominé*, falando da função do artista enquanto produtor de discursos capazes de escapar das imposições estético-temáticas e de apreender as emoções, as angústias individuais, a partir de seu local de enunciação, respeitando sua formação, suas particularidades, ele diz: “Em cada época, algum artista tentará sempre escapar de uma dominação. Pois nossos imaginários se nutrem justamente das emoções humanas”. (CHAMOISEAU, 1997, p.303) Parece que Chamoiseau anuncia o material do qual se alimenta, “as emoções humanas”, para tecer suas narrativas e repensar atuais formas de fugir às dominações.

2.4 Patrick Chamoiseau: entrelaçamento do discurso literário com memória histórica

Patrick Chamoiseau expõe em *Écrire en pays dominé* seus textos, suas referências ao fazer citações diretas ou indiretas a seus predecessores (poetas e romancistas), que também contribuíram para a manutenção do contínuo debate estabelecido entre arte e sociedade. O fruto destas leituras é o que Chamoiseau chama de *Sentimenthèque*, seus arquivos afetivos. O conjunto de obras e autores aos quais está sentimentalmente ligado: “Tantas leituras desde a

infância me deixaram mais que lembranças: sentimentos. Mais que uma biblioteca, uma sentimanteca. Emoção. Sentimento...” (CHAMOISEAU, 1997, p.24).

Isto pode ser visto nas palavras do autor martinicano, ao reconhecer sua vinculação afetiva e na conseqüente convocação de autores como Aimé Césaire, Édouard Glissant que, antes dele, tiveram a difícil tarefa de fazer a “travessia”, ou seja, a volta a este passado traumático:

Estes autores tornam-se as paisagens desta estrada pela qual transito agora. Eles são seus odores. Eles são seus perfumes. Oh, dominados-irmãos e tão livres também, eu vos chamo, no brilho de vossas conquistas e no exemplo de vossos fracassos. Venham, venham em torno de mim, a travessia é difícil, [...] (CHAMOISEAU, 1997, p.24).

Outro martinicano atento às problemáticas históricas referentes à dominação dos povos colonizados e preocupado com seus efeitos sobre os indivíduos é o escritor Frantz Fanon, cuja obra é estudada hoje, sendo considerada como um dos paradigmas para a compreensão do sujeito colonizado. Embora em contextos históricos distintos, pois Fanon escreve durante os anos 50 e 60 e Patrick Chamoiseau começa nos anos 80, ambos abordam a questão das relações de dominação econômica, política, cultural e seus efeitos sobre o sujeito dominado. No prefácio à edição de 2002 do livro *Os condenados da terra* (1961), de Frantz Fanon, Alice Cherki comenta:

Não sendo um tratado de economia, nem um ensaio de sociologia ou de política, essa obra é um apelo e até um grito de alarme sobre o estado e o devir dos países colonizados. Como em toda a sua obra, Fanon apresenta, em tensão política, cultura, indivíduo, levando em conta os efeitos da dominação econômica, política e cultural sobre o dominado. Sua análise insiste nas consequências da submissão não só dos povos, mas também dos sujeitos, e nas condições de sua libertação, que é, antes de tudo, uma libertação do indivíduo, uma “descolonização do ser.” (CHERKI, 2002, p.12).

Cherki aponta ainda para a atualidade dos questionamentos de Frantz Fanon, no que tange às novas práticas de dominação do indivíduo, sistematicamente deixado à margem das discussões e projetos postos em prática pelas nações dominantes, e que se mostram incapazes de realmente postular um lugar para estes sujeitos nas diversas instâncias sociais:

A multiplicação dos deixados à margem do crescimento, tanto no sul quanto no Norte, e também a renovação incessante da humilhação e do esmagamento subjetivo de todos aqueles que essa mesma modernidade designa despidoradamente, diante da globalização, como os “sem”: sem-pátria, sem-território, e também sem- teto, sem-trabalho, sem-documentos, sem-direitos a um espaço de palavra. (CHERKI, 2002, p. 20)

Todas estas reflexões de Fanon em *Os condenados da terra* parecem estar ainda presentes no enredo do romance de Chamoiseau, *Un dimanche au cachot*. A questão do encarceramento/cerceamento, simbólico ou não, oriundo de extremas situações de violência, físicas ou psicológicas, cujas marcas/estigmas podem ser vistos e lidos nos corpos destes submetidos a tal privação. Fanon e Chamoiseau, por meio de estilos diferentes - o primeiro apropria-se do ensaio teórico e o segundo da narrativa ficcional – propõem a discussão de temas como a violência, a partir de questões como a problemática do corpo. Na conclusão de seu prefácio, Alice Cherki comenta:

Ler ou reler *Os condenados da terra* ajuda a compreender o que ocorre quando seres humanos são assim mantidos no registro da privação: violência, recurso às agressões étnicas ou identitárias. [...] [Fanon] tentou instalar uma nova construção do saber introduzindo o corpo, a língua e a alteridade como experiência subjetiva necessária na própria construção do futuro do político. (CHERKI, 2002, p.7)

O trabalho de Patrick Chamoiseau dialoga, neste sentido também, com o pensamento do historiador africano Joseph Ki-Zerbo, exposto no livro *Para quando a África* (2006) no qual reflete sobre a violência cometida pelos europeus contra os povos latinoamericanos e, conseqüentemente, contra os africanos trazidos como escravos e utilizados, até mesmo, como “bestas reprodutoras”. Diz o autor:

Depois do genocídio dos índios na América, o tráfico custou a vida de dezenas de milhões de africanos, que foram arrancados a este continente e expedidos, em condições atroz, para além do Oceano Atlântico. [...] Foram encomendados escravos negros aos milhões; utilizaram-se os negros como reprodutores de outros negros, em “coudelarias” constituídas para produzir novos negrinhos para o trabalho nas plantações. [...] Os escravos eram comprados às toneladas. Amputava-se e esquartejava-se como carne bruta os rebeldes ditos “negros castanhos”. (KI-ZERBO, 2006, p.24)

Ki-Zerbo, assim como Chamoiseau, não faz somente uma denúncia das atrocidades infligidas às populações dominadas no decorrer da história. Ele propõe pensar a questão de forma mais abrangente. Ele continua:

O que eu peço não é tanto o reconhecimento do erro cometido contra os negros como negros, mas o erro cometido contra a espécie humana através dos negros. [...] No dia em que se reconhecer isso, seremos integrados na espécie humana. [...] A reparação de que falo, comporta várias etapas. É preciso conhecer e reconhecer o que se passou, assumir a responsabilidade que se teve no que se passou e levar em conta o fato de que nós próprios, os negros, temos uma responsabilidade neste assunto. (KI-ZERBO, 2006, p.32)

Parece que a reparação de que fala Ki-Zerbo em seu texto, que segundo ele, se daria em etapas, é compreendida por Chamoiseau como a necessidade de revisar o que fora vivido e calado, de modo a interagir com as modernas formas de discurso, produzidas na contemporaneidade e atentas às novas necessidades artísticas, bem como capaz de realmente iluminar as ruínas e preencher as fissuras das versões impostas. Assim, a resposta possível desejada por Chamoiseau contemplaria uma escrita que esteja atenta “às suas exigências modernas” e, ao mesmo tempo, enraizada em sua tradição cultural, como é postulado no *Éloge de la créolité*:

[...] Nós aprendemos que a cultura é uma sustentação e um levantamento diários; que os ancestrais nascem todos os dias e que não estão congelados em um passado imemorial; que a tradição se elabora a cada dia e que a cultura é também o elo vivo que devemos alimentar entre o passado e o presente. A continuidade da tradição oral não deve objetivar um modelo passadista de nostálgica estagnação, de volta atrás. Voltar ao passado sim, para primeiramente restabelecer esta continuidade cultural (associada à continuidade histórica restaurada) sem a qual a identidade coletiva encontra dificuldades para se afirmar. Voltar sim, para enriquecer nossa enunciação, integrar a tradição para poder ultrapassá-la. Voltar atrás a fim de reabilitar a expressão primordial de nosso gênio popular. Sabendo isso, poderemos então obter em uma nova colheita, os frutos de sementes inéditas. Poderemos através da união de nossos sentidos aguçados proceder à inseminação da fala crioula na nova escrita. Em resumo, *fabricaremos uma literatura que esteja, ao mesmo tempo, à altura das exigências modernas da escritura*, enraizada nas configurações tradicionais de nossa oralidade. (BERNABÉ, CHAMOISEAU, CONFIANT, 1989, p. 36). (grifos dos autores)

Compreender os mecanismos através dos quais se viabiliza o entrelaçamento do discurso literário e memória histórica, tornando possível o surgimento de referenciais culturais e identitários, é o que também conduz Roland Walter a enveredar pela obra de Patrick Chamoiseau. Em um artigo intitulado *Memória, História e Identidade Cultural* (Walter, 2008⁶), Walter se propõe a lançar luz sobre a seguinte questão:

Como é que a palavra engaja a memória para recriar as referências necessárias para a reconstrução da identidade cultural, identidade transculturada em múltiplos processos de fissura e fusão entre mares e lares, raízes e rotas, origens quebradas e chegadas diferidas? (WALTER, 2008, p. 96).

Mais recentemente, em uma carta aberta endereçada a Barack Obama, presidente dos Estados Unidos da América, na qual Patrick Chamoiseau e Édouard Glissant demonstram seu engajamento na questão da recuperação deste passado marcado pelo tráfico de escravos e das

⁶ In: Revista Brasileira do Caribe, Brasília, vol. IX, Nº 17, 117-148, 2008

incontáveis travessias do Atlântico, a fim de que se possa melhor compreender as problemáticas relações interculturais, étnicas e políticas atuais que, tantas vezes, acabam dando origem a conflitos que desestabilizam o mundo, como é o caso das guerras entre israelenses e palestinos, na Faixa de Gaza, afegãos e índios na Caxemira. É o que parece ser uma possível hipótese para o nascimento do chamado “novo mundo” – as terras colonizadas -, escutando atentamente o que eles convencionaram chamar de os “rumores dos abismos”, em *L'introuvable beauté du monde*, dizem:

O que resta destes antigos transbordados, este limbo dos abismos, todos os mundos antigos que foram esmagados até dar lugar a uma nova região. Um mundo laminou a África. As Áfricas fertilizaram mundos distantes. Isso se manifesta e nos faz compreender o Totalidade-Mundo, presente em todos, válido para todos, múltiplo em sua totalidade, que se funda sobre este rumor dos abismos. (CHAMOISEAU & GLISSANT, 2009, p.2)

Édouard Glissant e Patrick Chamoiseau apontam para a necessidade de mergulhar nos “abismos do Oceano Atlântico” e recuperar os restos, vestígios daqueles incontáveis indivíduos que a um alto preço, contribuíram para tecer as histórias entrecruzadas das Américas. Para isso, recorrem à imagem dos navios negreiros, simbólica para os escravos transbordados de África para as Américas e hoje para seus herdeiros, pois segundo aponta o próprio Glissant, o navio seria o ventre do qual nasceu a população antilhana. É interessante que o navio, no texto de Glissant e Chamoiseau, é adjetivado pela palavra cemitério, o que remete à morte, indo de encontro à idéia de ventre, nascimento, o que sugeriria a necessidade de exumar os restos naufragados e dispersos na memória, uma vez que recorrer à gênese implicaria em fazer reviver a história de dor vivida pelos cativos de uma forma naturalista, incapaz de, atualmente, dar conta do tema escravidão. Na visão de Glissant e Chamoiseau, o Caribe seria uma rede de pesca que tirou do oceano aqueles que alimentariam as plantações de cana-de-açúcar com seu trabalho forçado:

Há nas profundezas abissais dos cemitérios de navios negreiros, restos de seus marinheiros. As rapacidades, as fronteiras violentadas, as bandeiras, reerguidas e caídas, do mundo ocidental. E tudo isso constelando o espesso tapete dos filhos de África, dos quais se fazia comércio, aqueles que escapam às nomenclaturas e cujo número exato ninguém conhece. (GLISSANT & CHAMOISEAU, 2009, p.1)

E ainda :

Eles também entraram nas histórias cruzadas das Américas do Sul, do Brasil e do Caribe, no pensamento dos arquipélagos, que hoje desamarra as histórias dos continentes. [...] O oceano do Tráfico de escravos foi assim um continente obscuro, o Caribe, onde se implantaram as Plantações com base

no trabalho escravo, foi a rede de pesca. (GLISSANT & CHAMOISEAU, 2009, p.2)

A necessidade de rever o histórico, os mecanismos, os conflitos que levaram à formação destas culturas originadas a partir destas novas relações entre diferentes povos, de diferentes línguas, forçados a compartilhar o mesmo espaço e a forjar novos vínculos identitários a fim de estabelecerem algum sentimento de pertença, parece ir ao encontro da idéia de “Lugar”, referida por Chamoiseau em seu discurso. Em uma entrevista concedida à Jovita Maria Gerheim Noronha (2003), o autor faz menção à idéia de “lugar”, que, para ele, vai mais além de seu primeiro sentido, preso a delimitações geográfico-espaciais. Segundo ele, esse “lugar” seria um espaço que “se prolonga entre as Américas, África e Europa”, através do qual os povos e as nações destes continentes possam entrar em contato, possam interagir, criando assim um espaço de solidariedade, onde as trocas sejam baseadas em princípios altruístas, trazendo desta maneira benefícios mútuos. Esta noção de “Lugar” estaria em oposição à concepção de Pátria, Nação:

Meu projeto é a constituição do Lugar. Quando eu falo de Lugar em, *Écrire en pays dominé*, eu o concebo como alguma coisa que se opõe à Nação, à Pátria. O Lugar é um espaço que não é simplesmente delimitado pelo geográfico, mas por um espaço que se prolonga, em transolidariedade com a África, com a América Latina, com a Europa também, da França. Portanto, é uma entidade muito mais ampla, muito mais uma Meta-Nação; o que eu chamo Meta-Nação, e que pode, neste momento, pela soberania, dominar as interdependências que lhe são necessárias. Eu não chamo independência uma ruptura com os colonizadores, ou os dominadores, ou a metrópole. Eu chamo independência a possibilidade de dispor e organizar por si mesmo as interdependências que são absolutamente necessárias, porque o que faz uma nação desabrochar é a capacidade de interagir com o máximo de possibilidades. Por exemplo, é importante que um país como o nosso possa estar no Caribe, na América Latina, na América Central, na América do Norte, mas também na África, pois há toda uma solidariedade histórica e, também, estar também na Europa. O que vai determinar o espaço, o espaço de consciência deste Lugar, não é mais a geografia somente [...]. Nossa idéia é antes, dispor de um projeto, compreender o que significa, hoje, um Lugar, que acolha as pessoas sem voltar aos velhos procedimentos de exclusão do outro. O Lugar é aberto a todos. O que faz a fraternidade do Lugar, é o projeto do Lugar, não é a cor da pele, não é a religião. E quando se vem de fora, todo mundo participa do projeto de Lugar, e o projeto de Lugar não se pode conceber a não ser a partir de uma complexidade de solidariedades diversas que ultrapassa a Nação e a Pátria. (NORONHA, 2003, p.295)

Eurídice Figueiredo aponta também para o que parece ser uma saída encontrada pelos escritores antilhanos, a fim de divulgarem seu trabalho, estreitarem ainda mais os laços identitários diversos que os unem e se verem livres das classificações estéticas reducionistas:

o estabelecimento e a manutenção de um diálogo entre autores oriundos de culturas dominadas e submissas a potências estrangeiras. Em seu livro *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*, a autora diz:

Assim, acredito que, desde Césaire, tem havido um diálogo profícuo entre os escritores, que estão continuamente se citando e colocando novos marcos identitários a fim de afirmar uma diversidade que os liberte das imagens universalizantes impostas pelo etnocentrismo francês. Em ilhas tão exíguas, com pouca densidade demográfica, e ainda mais, tuteladas pelo governo francês na forma de Departamentos de Ultra-Mar, trata-se de uma luta acirrada para não se deixar assimilar. (FIGUEIREDO, 1998, p.107)

A produção literária martinicana volta-se para a (re)escrita desta história sem testemunho documental, cuja elucidação e presentificação se fazem tão urgentes. Como aponta Jovita Noronha:

A literatura martinicana está marcada pela preocupação em escrever essa história que não deixou documentos, embora não assuma o modelo tradicional, em que a história seria apenas o pano de fundo para uma intriga fictícia. Esses romances não se limitam a descrever os acontecimentos históricos, mas são uma tentativa de explicação da Martinica de hoje e um questionamento sobre a significação da história em uma sociedade marcada pela sobredeterminação. (NORONHA, 2003, p. 27)

Nesta perspectiva, parece ser relevante propor a análise dos romances *L'esclave viel homme et le molosse* e *Un dimanche au cachot*, nos quais as tentativas de construir ficções que dêem conta da história da escravidão parecem lograr um êxito. A leitura de ambas as obras é uma tentativa de compreensão dos processos que conduziram ao quadro atual na Martinica, marcado pelo ressentimento e pelo recalque da questão escrava. Assim, o capítulo que se segue propõe-se a analisar a efetivação desta proposta, refletindo sobre os recursos mobilizados pelo intelectual para cumprir sua agenda.

3 A HISTÓRIA COMO PODERIA TER SIDO: *L'ESCLAVE VIEIL HOMME ET LE MOLOSSE E UN DIMANCHE AU CACHOT*

A necessidade de se apropriar de um passado estigmatizado a fim de objetivá-lo parece ter encontrado no texto literário um espaço privilegiado, uma vez que diferente de outras disciplinas, como a história, por exemplo, à literatura é permitido imaginar os fatos sem documentos, como eles poderiam ter sido.

Este parece ser o caso de grande parte da literatura produzida nas Antilhas Francesas e por escritores como Patrick Chamoiseau, cujos textos tendem a reinventar, a reapropriar-se das histórias dos povos que foram trazidos para o Caribe. A História colonial, narrada pelos conquistadores, impossibilitou o resgate da memória cultural destes povos transplantados, pois resumiu-se a transmitir os relatos referentes à colonização da ilha, o que seria uma das marcas do historicismo ocidental, até então, única fonte destas narrativas, como aponta Glissant: “A História é um fantasma fortemente operacional do Ocidente, contemporâneo precisamente do tempo em que ele era o único a “fazer” a história do mundo.” (GLISSANT, 1997, p.227) Assim, a ficção parece tornar-se um terreno fértil para a evocação destas histórias, na medida em que seus autores propõem para elas novas perspectivas de abordagens.

A tentativa de reelaborar um passado para as sociedades pós-coloniais por meio do discurso literário, cuja estruturação permite imaginar os fatos e recriá-los, parece ter por finalidade mobilizar e resignificar os relatos esquecidos pela história oficial, que na maioria das vezes projetou uma realidade muito distante dos indivíduos que a experimentaram. Uma concepção de história baseada nos valores culturais, políticos, artísticos de um grupo propiciaria o fortalecimento dos vínculos identitários dos membros de uma determinada sociedade, o que os levaria ao estabelecimento de laços de pertencimento com a comunidade da qual fazem parte, permitindo-lhes se “projetarem para o futuro.” (GLISSANT, 1997)

A preocupação em tentar objetivar os questionamentos envolvendo identidade, memória, traumas, por Chamoiseau, em seus romances, vai ao encontro das reflexões de Myriam Cottias no artigo *L'oubli du passé contre la citoyenneté: contre le ressentiment à la Martinique (1848-1946)*. Neste texto, Cottias reflete sobre o brusco processo experienciado pela população martinicana, ao se tornar um departamento francês, passando a gozar da cidadania e dos direitos conferidos pela República Francesa, mas que não havia, todavia, discutido o que significaria esta mudança para uma sociedade, cuja origem é estigmatizada

pela violência do sistema servil. Ignoravam-se anos de trabalho escravo, de diferenças entre pretos e brancos, a fim de que todos pudessem viver sob a República. No entanto, no dia a dia da população, a desigualdade deste passado servil estava presente nas práticas e no imaginário coletivo:

A evolução do *status* civil fora brutal. Uma sociedade fundada no sistema escravista, ou seja, na dominação de um grupo sobre outro, passava sem transição à igualdade civil de seus membros sem dar conta das condições que existiam antes. A república apagava teoricamente todas as diferenças entre os cidadãos. Apagava a história servil, ainda que o passado desigual continuasse nas práticas cotidianas e mentais nas Colônias e na Metrópole. (COTTIAS, 1997, p.294)

Toda esta situação pós-escravidão teria contribuído para o nascimento de um sentimento de ressentimento. Este sentimento parece ter-se impregnado tão profundamente nas pessoas, que se tornou uma espécie de herança. É assim que Cottias explica o ressentimento presente na sociedade martinicana:

Ainda que o ressentimento não tenha sido jamais historicizado, ele foi uma constante da história das relações sociais. A despeito dos discursos políticos que pregavam a união e a concórdia, o ressentimento esteve presente todos os dias. Soma de experiências individuais e da herança familiar e social, o ressentimento está dissimulado na história da Martinica. Ele é mais facilmente identificável, talvez, que em outras sociedades, pois as contradições sociais são fortes. (COTTIAS, 1997, p. 303)

O trabalho desta memória da escravidão parece fazer-se necessário, pois a sociedade martinicana pós-abolição alimentava o esquecimento deste passado, o que teria gerado um ressentimento no seio desta comunidade, uma vez que a omissão deste período do discurso não significa seu apagamento da lembrança:

O esquecimento da escravidão tornava-se entretanto a mola propulsora dessa nova cidadania sem que, entretanto, a experiência da escravidão que impregnava as vidas pudesse desaparecer da lembrança (...) Ao invés da transmutação do passado em força de progresso, a rememoração contínua do ressentimento perdura no seio da sociedade martinicana visto que esta não consegue esquecer um passado que não foi objetivado (COTTIAS, 1997, p.294).

Chamoiseau aponta ainda para a importância da diferenciação entre a história da colonização da Martinica e a história da Martinica: “Não devemos confundir a história da colonização de nossos países. A história da colonização é aquela que se encontra nos arquivos, nos escritos.” (CHAMOISEAU *apud* VIANNA, 2006, p. 591). Como explica o autor, nestes escritos oficiais “não há histórias dos escravos, não há a história.” (CHAMOISEAU *apud*

VIANNA, 2006, p. 591). Assim, diferente dos historiadores, o escritor antilhano reconstrói a história coletiva de um modo distinto, para que não esqueça daqueles que foram dominados, ou que não tiveram acesso à escrita para transmitir sua versão dos fatos:

Não temos os mesmos métodos dos historiadores, pois se forem aplicados em nossos países, será encontrada somente a história dos povos dominantes, aqueles que tiveram a escrita, e não achará a história dos povos dominados, que só tiveram a palavra. (CHAMOISEAU *apud* VIANNA, 2006, p. 591)

Nota-se, então, a necessidade da intervenção do artista, para que ele possa, com a liberdade que a escrita literária lhe confere, mergulhar na escuridão onde estão aprisionadas as histórias da escravidão e da violência. A ficção seria a forma possível para que estes relatos sejam recriados, reconstituídos, aprofundados, proporcionando assim a possibilidade de se recuperar a identidade coletiva e individual:

E é o escritor, e é o artista o mais livre, pois o escritor pode avançar na obscuridade, pode avançar sem documento, pode avançar nas zonas do imaginário que não estão repertoriadas de uma maneira tradicional, e é aí que a ficção se torna interessante, e a ficção é a melhor maneira, parece-me, de reinventar a história de nossos países, para construir, para intensificar, por sua vez, nossa identidade coletiva e nossa identidade individual. . (CHAMOISEAU *apud* VIANNA, 2006, p. 592)

Para Édouard Glissant, a relevância da concepção de história parece consistir no fato de esta estruturar as diversas formas de pensamento que compõem uma sociedade, e que, por sua vez, acabam por transmitir seus valores, sua cultura. A ausência de uma versão histórica alternativa seria o que reforça a recusa de um passado traumático. Revisitar as questões referentes à escravidão, sugerindo novas interpretações para elas, parece poder iluminar as consciências, pois, segundo Glissant:

- *A concepção de história*: é aqui o nó do tecido ideológico. Pois a não-história impõe, ao mesmo tempo, a recusa da história ("para que voltar a estes assuntos de escravidão?") e a busca de uma pseudo-história confirmadora ("nós fomos reconhecidos como homens"). A ausência de memória histórica favorece a projeção destas pseudo-histórias de ordem elitista sobre a consciência popular. (GLISSANT, 1997, p.646, grifos do autor)

Glissant aponta que “o passado [dos povos caribenhos] que ainda não é história para eles” seria o que causa um sentimento de incompletude, que levaria a um incômodo. Assim, “a tarefa do escritor”, para ele, seria a de “explorar este incômodo, revelá-lo de maneira contínua no presente”. (GLISSANT, 1997, p.226). Esta atuação do escritor antilhano seria um modo de revisitar o passado e, às avessas, o prever, o que se configuraria no que Glissant

chama de “visão profética do passado.” (GLISSANT, 1997, p.227) Essa noção fora forjada por Glissant, para denominar um dos procedimentos que lhe são caros: o passado, no contexto antilhano, não podendo ser recomposto pelos métodos historiográficos tradicionais, deve ser “sonhado de maneira profética” (GLISSANT, 1997).

A reapropriação e o tratamento das histórias parece dar ainda mais vida àquilo que é narrado, deixando bem tênue o limite entre realidade e ficção, uma vez que as personagens estão inseridas em um contexto ordinário, no qual a vida cotidiana segue seu rumo, em meio às atividades de trabalho, aos conflitos psicológicos, a uma ambientação ora rural, ora urbana. Essa similitude com o real é que parece estabelecer o texto literário como um lugar para o levantamento de questões, como as referentes à escravidão.

O modo como os relatos são conduzidos também contribui para o resultado final, pretendido, o de suscitar um debate acerca da escravidão e de seus desdobramentos na sociedade atual. Chamoiseau não cria apenas histórias que se passam durante o período escravocrata ou com estreitos laços com este, e sim narrativas que parecem ressaltar os dramas individuais de escravos e descendentes destes. Eis aí a matéria que Patrick Chamoiseau utiliza em seus dois romances, *L’esclave vieil homme et le molosse* e *Un dimanche au cachot*, pois em ambos os romances, a discussão proporcionada pela inventividade ratifica o espaço do discurso literário como aquele no qual o imaginário não está enrijecido pelas normas do discurso histórico, comprometido com as “verdades” do acontecido.

A literatura, enquanto instrumento de reflexão, parece permitir lançar um olhar mais profundo sobre a marginalização da questão da escravidão e de suas personagens, bem como tentar apontar quais caminhos precisam ser traçados a fim de que haja alternativas para o tratamento desta problemática.

Autores franceses como Balzac, Stendhal, Zola, já apresentavam em suas obras personagens socialmente fragilizados, ocupando um espaço antes reservado a indivíduos representantes das elites sociais. Erich Auerbach em *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*, discute como a inversão dos valores estéticos na literatura permitiu a extinção da representação literária segundo níveis hierárquicos ditados pela posição sócio-econômica. De acordo com esta qualificação, as personagens ordinárias, os temas corriqueiros, poderiam ser veiculados somente através de uma linguagem mais vulgar, menos cuidada, demonstrando assim sua irrelevância diante de temas mais sublimes. Assim, o realismo moderno, do começo do século XIX na França, possibilitou o desenvolvimento de

formas cada vez mais ricas, correspondendo a uma realidade diversa e em constante modificação:

Tornou-se-me claro que o realismo moderno, da forma que se formou no começo do século XIX na França, realiza como fenômeno estético uma total solução daquela doutrina; mais total e mais significativa para a formação posterior da visão literária da vida do que a mistura do sublime com o grotesco, proclamada pelos românticos contemporâneos. Quando Stendhal e Balzac tomaram personagens quaisquer da vida quotidiana no seu condicionamento às circunstâncias históricas e as transformaram em objetos de representação séria, problemática e até trágica, quebraram a regra clássica da diferenciação dos níveis, segundo a qual a realidade quotidiana e prática só poderia ter seu lugar na literatura no campo de uma espécie estilística baixa ou média, isto é, só de forma grotescamente cômica ou como entretenimento agradável, leve, colorido e elegante. Completaram, assim, uma evolução que vinha se preparando fazia tempo [...] e abriram caminho para o realismo moderno, que se desenvolveu desde então em formas cada vez mais ricas, correspondendo à realidade em constante mutação e ampliação da nossa vida. (AUERBACH, 2004, p. 499-500)

Chamoiseau, no entanto, não busca representar de forma realista suas personagens, nem suas tramas, o que ocorreria em uma folclorização, uma vez que a luta através do imaginário tem sua forma particular de perceber e abordar os fatos, bem mais profunda e reflexiva que aquelas compromissadas com uma retratação fidedigna do real, não podendo ser encarado como um escritor vinculado aos moldes realistas europeus.

É importante ressaltar que as discussões tornadas possíveis pela elaboração de textos literários tais quais os de Patrick Chamoiseau têm o seu limite, na medida em que se choca com a importante questão do alcance e do poder de transformação da arte. Na medida em que tece narrativas nas quais apresenta uma transformação na vida de suas personagens, Chamoiseau parece assim apontar para possíveis caminhos a serem traçados na vida real. Por isso seus textos parecem cumprir com esse objetivo, na medida em que provocariam a sensibilidade do leitor e acabam por liberar e acionar sua percepção para uma nova maneira de racionalizar antigos questionamentos ainda presentes. O teórico Herbert Marcuse, em seu texto *A arte na sociedade unidimensional*, comenta o que se pode esperar da atuação da arte na sociedade e de sua influência na emergência de uma nova racionalidade:

Por certo, o conceito de “arte política” é monstruoso e a arte por si nunca poderia cumprir essa transformação, podendo, entretanto, liberar a percepção e a sensibilidade necessitadas para a transformação. E, uma vez uma mudança social houvesse ocorrido, a arte, forma da imaginação, poderia guiar a construção da nova sociedade. E, à medida que os valores estéticos são os valores não agressivos por excelência, a arte como tecnologia e como técnica também viria a implicar a emergência de uma nova racionalidade na

construção de uma sociedade livre, isto é, a emergência de novos modos e de novas metas do próprio progresso técnico. (MARCUSE, 1990, p.251)

O embate através do imaginário parece também ficar evidente nas narrativas de Chamoiseau na medida em que seus narradores empreendem uma espécie de incursão por um passado fragmentado na tentativa de reconstituir seus pedaços, ao mesmo tempo em que encena um confronto entre a apreensão daquilo que fora repertoriado – os valores, a tradição, as experiências – e a dificuldade de transmissão por meio do discurso escrito, uma vez que a escrita não daria conta das nuances do relato oral. Revestido da figura do *Guerrier de l'imaginaire* poderia atuar como agente transformador.

3.1 *L'esclave vieil homme et le molosse*

O romance *L'esclave vieil homme et le molosse* parece ser uma das obras de Patrick Chamoiseau mais comprometida em propor uma versão da história da escravidão na Martinica e em tratar da gênese dos povos caraíbas, os primeiros habitantes da ilha.

L'esclave vieil homme et le molosse evoca a história de um escravo pacato, subitamente acometido de uma “descarga”, que o impulsiona a fugir para a floresta. Ao tomar conhecimento do fato, o senhor parte para capturá-lo e, para isso, utiliza um molosso, cão trazido pelos europeus para perseguir negros fujões. A história, o passado deste cativo, é imaginada a partir de ossos encontrados pelo narrador na floresta. Essa estratégia, além de ser a única possível, se revela produtiva, na medida em que o imaginário é um modo de apropriação que interpreta aquele passado para resolver o que perdura dele, de forma difusa: “Je prends mesure de la matière des os. Ni rêve, ni delire, ni fiction chimérique: l'immense détour qui va jusqu'aux extrêmes pour revenir aux combats de mon âge, chargé des tables insues d'une poésie nouvelle” (CHAMOISEAU, 1997, p.134)

No entanto, o discurso etnográfico clássico parece não caber nos moldes de que se serve o narrador do romance, uma vez que este coloca em cheque sua capacidade de reconstruir este relato, por temer suas incertezas e seus perigos. Ir até o fim parece, então, configurar-se em um grande desafio que, todavia, ele abraça:

Nous sommes tous, comme mon vieux-bougre en fuite, poursuivis par un monstre. Échapper à nos vieilles certitudes. Nos si soigneux ancrages. Nos chers réflexes horlogés en système. Nos somptueuses Vérités. En élan vers l'à-construire imprévisible qui nous ouvre ses dangers. Affronter ce chaos,

aller ce difficile, comprendre cette intention et la suivre jusqu'au bout.
(CHAMOISEAU, 1997, p.133-134)

Esta narrativa constitui-se fundamental no projeto artístico de Chamoiseau, na medida em que recria a trajetória de um escravo comum, como tantos outros vindos de África para o trabalho forçado nas Antilhas, mas que, devido ao rumo que dá à sua própria vida, passa a estabelecer-se como um paradigma, tornando-se uma espécie de referência para as questões ligadas à escravidão.

Esta forma encontrada pelo autor para narrar a partir dos vestígios encontrados parece ser a única forma de dar conta desta empreitada, que é a de fazer reviver os relatos de uma época crucial na história martinicana. A representação literária parece ganhar nas linhas de Chamoiseau um molde apropriado para a abordagem da cultura e das tradições esquecidas: “[...] j’avais pénétré au profond du pays. Compté. Repertorié. Touché aux saines admirations. Halé les imaginations perdues, les à-venir et l’en-présent des époques oubliées.” (Chamoiseau, 1997, p.133) Desta forma, a ficção se revela como a única via possível para tratar desta temática, que se transforma, para o narrador, em uma espécie de desafio, que o atormenta, tal é a importância de sua empresa e tal é a sua significação:

J’étais victime d’une obsession, la plus éprouvante et la plus familière, dont l’unique sortie s’effectue par l’Écrire. Écrire. Je sus ainsi qu’un jour j’écrirais une histoire, cette histoire, pétrie des grands silences de nos histoires mêlées, nos mémoires emmêlées. (CHAMOISEAU, 1997, p.132)

Assim, assumir a missão de transmitir e repensar questões como a escravidão, a ameaça de extinção da cultura oral, o extermínio dos povos ameríndios, e a instalação forçada dos povos vindos do continente africano nas Antilhas, passa a ser uma atividade empreendida pelo *Guerrier de l’imaginaire*, narrador-personagem, uma vez que sua atuação implicará no levantamento de questionamentos sobre o processo de construção e de valorização de aspectos identitários e culturais da sociedade martinicana.

A narração da fuga do cativo pela floresta é precedida pela caracterização do velho escravo, por uma reflexão sobre a ausência de tratamento literário do tema escravidão, pela descrição da fazenda açucareira, pelo relato da chegada dos primeiros colonos, dos escravos e pela apresentação de outras personagens importantes, a saber, o senhor e o molosso.

O velho escravo sem história, representante de milhões de outros negros que assim como ele, foram trazidos para as Américas. Sua descrição física encontra nos elementos da natureza sua imagem, pois é comparado a um mineral, a um bambu, à terra e à crosta rugosa,

e sua personalidade é marcada pelo silêncio e solidão, o que parece ser uma aparente passividade :

Du temps de l'esclavage dans les isles-à-sucre, il y eut un vieux nègre sans histoires ni gros-saut, ni manières à spectacle. Il était amateur de silence, goûteur de solitude. C'était un minéral de patiences immobiles. Un inépuisable bambou. On le disait rugueux telle une terre du Sud ou comme l'écorce d'un arbre qui a passé mille ans. (CHAMOISEAU, 1997, p.17)

A questão do silêncio do escravo, ou dos escravos, é pensada também por Édouard Glissant, para quem a não expressão dos cativos pode ser vista como uma política do silenciamento, pois, durante o sistema servil, houve um sistemático processo de anulação do negro e de toda sua herança cultural trazida de África. A interdição invade também o fórum íntimo, até quando eram utilizados como reprodutores, para o bem financeiro de seus senhores, sendo alijados, neste caso, do direito a terem relações por prazer. Restava-lhes, assim, a clandestinidade ou o disfarce de suas manifestações:

O corpo alienado do escravo, no tempo do sistema servil, é de fato privado, para o esvaziar inteiramente da palavra. Expressar-se é não somente proibido, mas também impossível de ser desejado. Até na função de reprodução o escravo está fora dele mesmo. Ele reproduz, mas é para o senhor. Todo gozo é mudo, quer dizer, fracassado, alterado, negado. Neste contexto, a expressão é de precaução, reticência, cochichos [...]. (GLISSANT, 1997, p.405).

A insignificância do escravo é percebida também pelo modo como ele é tratado pelos encarregados do senhor. Ele sofre um processo de reificação, pois é despido de sua humanidade, na medida em que se liga ao ar, ao açúcar e à terra da fazenda e se torna quase imperceptível. Sua vida é resumida e ditada pelo trabalho, atividade extenuante que acompanha sua existência, mas que não parece de modo algum retirá-lo de seu abismo interior. Este sentimento de nulidade é agravado pela ausência de vínculo identitário:

Les commandeurs se soucient peu de l'esclave vieil homme, et n'ont pièce raison de le faire. Lié à l'Habitation comme l'air et comme la terre et comme le sucre, plus ancien que le plus ancien des arbres anciens, et sans âge envisageable, celui-ci s'est de tout temps inscrit dans ces absences qui animent les muscles. [...] Demeure inaltérable. Sans parole, sans promesse. Compact et infiniment fluide dans les actes du travail qui seuls l'engouent d'une vie sans signe et sans visage. (CHAMOISEAU, 1997, p.23)

E ainda :

L'Habitation est – [...] – désenchantée, sans rêves, sans avenir, que l'on puisse supposer. Le vieil esclave y a blanchi sa vie. Et, au fond de cette soupe, son existence n'a eu ni rime ni sens apparent. [...] Sa généalogie, sa probable lignée de papa maman et arrière-grands-parents, se résume au

nombril enfoncé dans son ventre, et qui zieute le monde tel un oeil cocovide, très froid et sans songes millénaires. L'esclave vieil homme est abîme comme son nombril. . (CHAMOISEAU, 1997, p. 20-21)

Enfim, o escravo se assemelha à massa de trabalhadores forçados que assim como ele se tornam um amálgama de homem e animal, cuja existência é reduzida à atividade servil. Parece ficar evidente que a ficção proporciona a individualização, neste caso do escravo, pois lança sobre ele um olhar particular, que o destaca em meio a estas precárias existências.

Il prend – définitive – l'opaque substance de cette masse d'hommes qui ne sont plus des hommes, qui ne sont pas des bêtes, qui ne sont pas non plus comme cette gueule océane alentour du pays. Ils sont une confusion d'existants dévastés, indistincts dans l'informe. (CHAMOISEAU, 1997, p. 24-25)

A questão do trabalho escravo e a transformação deste em um meio para atingir objetivos lucrativos nos campos de cana de açúcar é tratada por Paul Butel, em seu livro *Histoire des Antilles françaises XVII-XX siècle*, no qual ele relata as longas jornadas de trabalho e o sistema de vigilância posto em prática pelos senhores, para que obtivessem a produção desejada:

A jornada de trabalho durava umas doze horas, o trabalho nas plantações de cana de açúcar tinha esta duração, menos as pausas para as refeições. Nas plantações, os escravos trabalhavam em linha, com o feitor atrás deles, para garantir um bom desenvolvimento e a vigilância. (BUTEL, 2007, p. 217)

As histórias da escravidão parecem não ser recorrentes nos manuais de história voltados para essa seção, o que acarretaria na falta de interesse para com o tema. No entanto, para os intelectuais de territórios outrora submetidos ao trabalho forçado, o mal causado pela lembrança desta prática, configura-se, como metaforiza o autor, em uma irremediável e insaciável sede:

Les histoires d'esclavages ne nous passionent guère. Peu de littérature se tient à ce propos. Pourtant, ici, *terres amères des sucres*, nous nous sentons submergés par ce noeud de mémoires qui nous âcre d'oublis et de présences hurlantes. À chaque fois, quand elle veut se construire, notre parole se tourne de ce côté-là, comme dans l'axe d'une source dont le jaillissement encore irrésolu manque à cette soif qui nous habite, irrémediable. (CHAMOISEAU, 1997, p.17-18)

O trabalho do intelectual parece fazer-se então necessário, a fim de inventariar este passado a partir dos traços encontrados por ele, mesmo que haja o reconhecimento da dificuldade de realizá-lo, uma vez que, diferente de outros vestígios encontrados, este tem como características as oscilações da

linguagem falada, a musicalidade, as entonações, o que se torna um desafio a mais na tarefa de repertoriá-lo. O narrador aponta assim seus possíveis obstáculos:

Ainsi m'est parvenue l'histoire de cet esclave vieil homme. Une histoire à grands sillons d'histoires variantes, en chants de langue créole, en jeux de langue française. Seules de proliférantes mémoires pourraient en suivre les emmelements. Ici, soucieux de ma parole, je ne saurais aller qu'en rythme léger flottant sur leurs musiques. (CHAMOISEAU, 1997, p.18)

Esta tarefa, a passagem do oral para o escrito pelo intelectual, a que Édouard Glissant faz referência em seu ensaio *Le discours antillais*, ao mostrar que dessa confrontação surgem as vozes individuais secretas, ou silenciadas, tendo a oportunidade de se exprimirem. Segundo Glissant:

Quando o oral enfim confronta o escrito, as misérias secretamente acumuladas falam; o indivíduo sai do círculo estreito. Ele vai ao encontro de todas as humilhações vividas, um sentido coletivo, uma poética do universo, onde cada voz conta, onde cada vivido *explica*. (grifo do autor). (GLISSANT, 1997, p.17-18)

A descrição da fazenda feita pelo narrador parece intencional criar um cenário, de onde é praticamente impossível fugir, pois ela fica ao norte do país, entre uma montanha vulcânica e um bosque denso, do qual os escravos têm medo e é cercada pela plantação de cana-de-açúcar, tendo também dois mulatos vigiando a realização dos trabalhos pelos negros:

L'Habitation se situe dans le nord du pays, entre le flanc d'une montagne-volcan et les bois très épais – [...], peuplés de diabliesses opalines que les contes de veillés ameutent dans le cercle de peurs. Les champs de cannes-à-sucre cernent l'Habitation, puis s'en vont velouter la houledes mornes bossus. [...] L'Habitation possède cent soixante-sept esclaves, femmes et marmailles compris. Deux commandeurs mulâtres y régendent les travaux quotidien. (CHAMOISEAU, 1997, p. 19)

A fazenda configura-se também em um imprescindível “lugar de memória” da escravidão, a partir de onde o narrador pode, à maneira de um arqueólogo, evocar os vestígios de um passado marcado pela violência física, por meio dos objetos utilizados em castigos, nos trabalhos extenuantes e pela violência psicológica, ao desconectar bruscamente os escravos de seus valores, de seu passado. Assim, ao organizar estes vestígios e fazer reviver este passado, vai-se ao encontro do pensamento de Pierre Nora, para quem “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos [...]” (NORA, 1993, p.13). É interessante também perceber como são elencados estilisticamente no texto todos os entes que fazem lembrar a dor, pois são coordenados assindeticamente em sentenças curtas, ressaltando a enumeração dos elementos:

L'Habitation est petite, mais chaque maille de ses mémoires se perd dans les cendres du temps. La dent des chaînes. Le rouache du fouet. La déchirée des cris. Morts explosives. Famines. Massacrantes fatigues. Exils. Déportations de peuples différents forçés de vivre ensemble sans les morales et les lois du Vieux-monde. (CHAMOISEAU, 1997, p. 19)

A transferência dos povos do continente africano para o Caribe, bem como para outros territórios, do modo como foi feito, trouxe como consequência a desconexão forçada destes indivíduos de seus costumes, de suas línguas, de sua maneira de perceber o mundo, uma vez que o processo teve como marca a tentativa de sufocar estas expressões primárias dos cativos. Assim, a imagem construída no romance das lembranças destes, estando fragmentadas e marcadas por oscilações, parecem transmitir com ênfase o resultado bem sucedido da ação dos colonizadores:

Tout cela brouille très vite, pour ces personnes rassemblées-là, l'oscillation des souvenirs et le sonar des songes. Ne subsiste, dans leurs chair, leur esprit, qu'un calalou de temps croupis (sans rythmes d'horloge) et de mémoires décomposées. (CHAMOISEAU, 1997, p. 20)

A sucessão dos povos que habitaram as terras caribenhas é marcada por histórias de extermínio e de violência, tendo início com o massacre dos primeiros ameríndios, como sugere a descrição imagética no romance, ao evocar a dor, o estrangulamento, e o sangue ainda não apaziguados: “Les Amérindiens des premiers temps se sont transformés en lianes de douleurs qui étranglent les arbres et ruissellent sur les falaises, tel le sang inapaisé de leur propre génocide”. (CHAMOISEAU, 1997, p.20-21)

A este fato, sucedeu a chegada dos negros, que foram trazidos em navios e negociados aos milhares nos mercados de escravos, para trabalharem nos campos de cana-de-açúcar. Todos estes povos se dispersaram pelas ilhas caribenhas e deram origem à população mestiça que hoje lá vive.

Depuis l'arrivée des colons, cette île s'est muée en un magma de terre de feu d'eau et de vents agité par la soif des épices. Beaucoup d'âmes s'y sont dispersées. [...] Les bateaux négriers des seconds temps ont ramené des nègres d'Afrique destinés aux esclavages des champs-de-cannes. Seulement, ils ont vendu aux planteurs-békés, nullement des hommes, mais de lentes processions de chairs défaites, maquillées d'huile et de vinaigre. Elles ont semblé non pas émerger de l'abîme mais relever à jamais de l'abîme lui-même. (CHAMOISEAU, 1997, p. 20-21)

A exemplo dos escravos que cruzavam o oceano nos navios negreiros, o molosso também teve de enfrentar esta viagem. O texto não diz exatamente de onde vem o cão, mas a leitura permite compreender que ele é originário de obscuras partes do continente europeu: “Il

provenait d'on ne sait quelle géhenne d'Europe". (CHAMOISEAU, 1997, p.33) Em meio a centenas de negros vindos da África, o cão sofreu as angústias decorrentes do percurso, seja a longa distância, seja o esfacelamento da memória de outrora. Para chegar vivo até o destino, era submetido como os cativos a "passeios" ao ar livre, a fim de respirar um pouco de ar puro, dificilmente encontrado nos interiores das embarcações. Nestes momentos, para que fossem seguidas as determinações dos comerciantes e se mantivesse a ordem, o chicote e a força eram empregados:

Le molosse était un monstre. Il avait voyagé lui aussi en bateau, durant des semaines d'une sorte d'épouvante. Lui aussi avait éprouvé ce grouffre du voyage en vaisseau négrier. Les chairs nègres, entassées dans la cale, enveloppaient cet enfer à voilures d'une auréole que sa fureur percevait et que les requins poursuivaient à travers l'océan. À l'instar de tous ceux qui s'en venaient aux îles, le molosse avait subi le roulis continuel de la mer, ses échos insondables, son avalément du temps, sa déconstruction irréremédiable des espaces intimes, la lente dérade des mémoires qu'elle engendrait. (CHAMOISEAU, 1997, p. 31)

E ainda :

Le molosse avait connu de même les sorties à l'air libre (hissé tôt sur le pont au moyen d'une chaîne étrangleuse) où, sous l'aiguillon du fouet, on le forçait, tels les nègres captifs, à tournoyer pour se huiler les muscles et humer un peu d'iode des grands larges. [...] Le molosse était un monstre car il avait connu cette effondrée-là. (CHAMOISEAU, 1997, p. 32-33)

O cão chega à ilha junto com os negros, e o escravo assiste ao desembarque. Primeiro, apresenta-se o choque experimentado por ele ao ver chegar centenas de seres humanos como ele, fisicamente deteriorados pela longa travessia: "C'était, pour l'esclave vieil homme, un moment de dérouté : voir débarquer ces hommes qui lui ressemblaient tant. Tous mal revenus de la plus longue des morts. L'huile qui maquillait leur peau malade se mêlait à leur sueur et au restes d'angoisses." (CHAMOISEAU, 1997, p. 34-35) O odor que exalavam lhe trás a lembrança de sua terra natal, embora esta não seja nomeada: "Leurs cris, familiers des extrêmes, leur avaient distribué aux commissures des lèvres d'irréremédiables écumes à relent d'ail. Ils transportaient encore des odeurs du pays d'Avant, des rythmes ultimes, des langues déjà désespérées." (CHAMOISEAU, 1997, p. 34-35) A visão do navio suscitava nele o questionamento sobre seu nascimento, se este se deu na fazenda ou a bordo de uma destas embarcações:

Et le bateau lui aussi l'émouvait. Il ne savait plus s'il était né sur l'habitation ou s'il avait connu cette traversée en cale, mais chaque balancement d'un navire négrier dans les eaux calmes d'une rade, débuscait en lui un roulis primordial. (CHAMOISEAU, 1997, p. 34-35)

O fatídico encontro do escravo com o molosso, que se configura quase em um confronto, se dá em seguida. Enquanto o cão reage de forma violenta, pois é treinado para caçar escravos fugidos como presas, demonstrando toda sua agressividade, latindo, babando, arrepiando os pelos, o escravo permanece como em todas as outras situações pelas quais passa, apático:

Après le Maître, l’esclave vieil homme fut le premier à voir le molosse. L’esclave vieil homme et le molosse s’étaient regardés. Le molosse avait tout là-même aboyé. Et même plus qu’aboyé, il s’était débordé en enragée terrible, baveuse, avec le poil catastrophé telle une crinière de lion. [...] [L’esclave vieil homme] devant l’énigmatique fureur du chien, était resté comme d’habitude : plus opaque et dense qu’un coeur de bois-bombé brûlé sept fois et rebrûlé autant. (CHAMOISEAU, 1997, p. 35)

No entanto, parece que com o tempo, a presença diária do molosso no cotidiano do escravo faz com que ele encontre na figura do cão uma semelhança com o sentimento de desolação que o persegue, uma vez que, ao animal, se associam a violência, a angústia, o esquecimento de sua própria origem. Enfim, sensações que lhe são intimamente familiares:

Il retrouve dans le molosse la catastrophe qui l’habite. Une fureur sans pupilles, qui rue de loin. Ce chaos intérieur charrie des choses qui ne lui sont pas intimes. Il paraît possédé par d’autres présences que la sienne, mais son moi, son être lui-même, il ne se trouve nulle part, aucune mémoire, aucun paradigme constructeur, pièce nervure d’un temps où il a été quelque chose de distinct. Rien que ce bouillonnement de violences, de dégoût, de désirs, d’impossibles : ce magma qui s’exalte dans l’Habitation et qui le constitue au plus vital de son nombril. Et le molosse est aussi comme cela. (CHAMOISEAU, 1997, p. 46)

A presença do molosso na fazenda tinha como finalidade capturar os fugitivos, mas ela conseguia mais do que isso, pois a figura daquele animal grande, forte, assustador parece desencorajar qualquer intenção de fuga dos escravos. Assim, o molosso representava também uma forma de repressão psicológica para os cativos:

Si les esclaves craignaient les chiens, ils étaient épouvantés pas le molosse. Son corps massif comme un morceau de soufre, ses muscles noués comme des bouillons de lave, sa gueule sans baptême, le regard sans vision. Le plus épouvantable, c’était son silence. Pas d’aboiements. Pas de grognements. Mais pas de calme ou de sérénité. (CHAMOISEAU, 1997, p. 37)

Contudo, nem todos sucumbiam ao medo do molosso, sobretudo alguns mais jovens, fomentados pelo desejo de liberdade, pensando ser mais sagazes que outros fugitivos capturados e por uma ânsia súbita de fugir – que atingia a todos ao menos uma vez na vida -

que no texto recebe o nome de *décharge*⁷. Aparentemente, não há estudos que comprovem a existência desta descarga de que eram acometidos os escravos, desta pulsão que os leva a fugir sem rumo, sem planos prévios. Ao tomar conhecimento da fuga de um destes e do fracasso de seus encarregados em capturá-lo, o senhor lançava mão do cão. Para a realização desta tarefa, ele seguia uma espécie de ritual: buscar o animal no canil, levá-lo à habitação do escravo para que pudesse cheirar uma peça de roupa do escravo, para então partir em sua busca:

Le Maître chevaucha en direction du chenil grillagé, et sortit l'animal au bout de la grosse corde. Le molosse avait cessé de grogner. Il était devenu attentif, le regard fixe sur les hauteurs avec l'air de suivre du mufler un mouvement invisible. [...] Dans la case de l'esclave en fuite, le Maître lui fit renifler quelques hardes de la couche. Puis, ensemble, ils prirent la direction des Grands-bois silencieux, feuillus de brumes sessiles et de songes perdus. [...] Le Maître lacha le molosse dès les premiers raziés. L'animal y plongeait, sans aboyer, sans grogner. (CHAMOISEAU, 1997, p. 40)

Em seguida, dá-se o desfecho da ação. O escravo em questão é alcançado pelo molosso, sendo que, para imobilizá-lo, o cão desfere-lhe uma mordida que o deixa bastante ferido, como sugere o narrador, nem os mais temíveis instrumentos de suplício teriam lhe ocasionado tamanha lesão. Assim, o senhor pode capturá-lo e reconduzi-lo à fazenda, não sem antes exhibi-lo fracassado e dilacerado diante de toda a gente.

Le jeune nègre en bobo, traîné au bout de la corde, le molosse attentif pesant à ses côtés. On avait vu de près ce qui lui avaient fait les dents de l'animal. Et le Maître avait voulu que chacun l'observait avant d'y mettre sa pimentade. Le molosse l'avait lacéré mieux que le plus malfaisant des fouets et que la planche à-clous la plus hostile. (CHAMOISEAU, 1997, p. 40)

A descarga impulsionava os negros a fugirem através dos bosques repentinamente, não importando se era dia ou noite. Segundo o narrador, ela causava efeitos no corpo, o que parece lembrar uma convulsão, afetando o tom da voz, fazendo tremer as pálpebras, as bochechas, e tingindo os olhos de vermelho:

Je vais vous parler de la décharge. Les vieux esclaves connaissaient cela : c'était une mauvaise qualité de pulsion vomie d'un endroit oublié, une fièvre fondamentale, un sang caillé, un dé-sursaut pas-bon, une hélée vibrante qui vous déraillait raide. On allait désarticulé par une impetueuse présence en soi. La voix prenait un autre son. La démarche s'ourlait grotesque. Une vibrée religieuse vous tremblait les paupières et les joues. Et vos yeux portaient les marques de feu coutumières aux dragons réveillés. La décharge vous prenait à n'importe quel moment. [...] La décharge vous précipitait

⁷ Termo utilizado por Chamoiseau para designar um impulso que levava os escravos a fugirem. Em português é traduzido pelo termo descarga.

surtout dans les bois, en une fuite éperdue. (CHAMOISEAU, 1997, p. 38-39)

No entanto, com a personagem principal da história, o escravo velho homem, o processo da descarga é bastante particular. Como explica o narrador, enquanto alguns eram acometidos por ela apenas uma vez na vida, ele fora a ela submetido inúmeras vezes, quase que cotidianamente, mas tentava, a todo custo, reprimir seus efeitos em si, mantendo assim sua reconhecida placidez:

La décharge l'avait flagellé à maintes reprises. Nul n'en avait rien su. Certains ne l'éprouvaient qu'une fois dans leur vie, mais lui l'avait subie presque chaque jour. Jour après jour, et plus souvent quand elle s'épuisait chez les autres. [...] mais, à chaque fois, il s'était retenu, nouant ses gestes et ses actes et ses émotions à dire des lianes autour d'un corps dément. Ainsi, il est devenu aussi placide qu'une eau de marigot. (CHAMOISEAU, 1997, p. 45)

As atitudes, os gestos, os movimentos do escravo passam a ser severamente controlados por ele, para que ele possa evitar os sinais da descarga. Como se não bastassem as exaustivas horas de trabalho forçado, a onipresença dos castigos, o medo do molosso, o escravo tinha ainda que imputar à sua sobrevivência o combate contra esta força invisível:

Il lui faut vivre en inerte pour contrôler ses volées en décharges. Pas de geste. Pas de mot inutiles. Pas de hausses de sourcils, de ton levé. Rien que la maîtrise impeccable du mouvement, le murmure de l'esprit et des gestes, la danse du sang réduite au minimum, une éruption qui n'est répertoriée que dans l'immobilité de morts les plus terribles ou des matières les plus inertes. C'est sa seule manière de vivre et d'être – comme nul ne le sait – catastrophiquement vivant. (CHAMOISEAU, 1997, p. 45-46)

A presença do molosso parece ter agravado a força da descarga no escravo, o que o perturbava ainda mais, sobretudo pelo fato de o animal ser exatamente o meio mais eficaz para impedir que os negros desaparecessem para sempre, pois seu faro era muito apurado, diminuindo em muito a probabilidade de haver uma fuga bem sucedida. Também seu conhecimento das formas de castigo por se tentar fugir, e conseqüentemente ser capturado, deixavam-no mais angustiadao:

Dès l'arrivée de l'animal, les décharges se font terribles. Lui qui s'est cru maître de ce chaos se voit submergé. Il craint désormais les décharges. Craint qu'elles ne l'emportent en gestes misérables contre la gâchette des commandeurs ou le fusil du Maître. Craint de ne plus être lui-même et de surgir aux yeux de tous comme un nègre marronneur qui n'aurait pas osé. (CHAMOISEAU, 1997, p. 49)

Uma noite, porém, o escravo é acometido pela descarga de um modo bastante

particular: “Durant la nuit suivante, l’esclave vieil homme ressent non pas une décharge mais une déflagration.” (CHAMOISEAU, 1997, p. 51) Ele sente seu corpo se aquecer, entrar em convulsão: “Son corps devient une proie convulsive. Une chaleur noie ses membres.” (CHAMOISEAU, 1997, p. 51) A intensidade da descarga é tamanha que a energia dela emanada interfere na natureza e nos objetos físicos a sua volta: “Chaque objet de sa case suinte d’un sang tout enflammé, et la terre cirée du sol s’enflamme elle aussi. Il se voit environné de leurs qui inscrivent dans l’air de minuscules orbes.” (CHAMOISEAU, 1997, p. 51) Resta ao escravo um embate solitário pois, segundo o narrador: “Il combat ses cauchemars. On l’entend (qui l’entend ?) gémir. Puis, râler comme de fièvre, mais nul ne s’en inquiète car les souffrances n’émeuvent plus personne.” (CHAMOISEAU, 1997, p. 51)

Na manhã seguinte, indo para o trabalho, o escravo é subitamente acometido da incômoda sensação. Parece que ele compreende que desta vez será diferente, pois contempla a fazenda como se fosse pela última vez, dando a impressão de fazer um rápido balanço de sua vida e, por fim, penetra a densa floresta:

Bien que déjà très loin, le vieil homme esclave a un frisson dans le dos. Il se retourne vers cette Habitation où il a usé son existence, il regarde les bâtiments lointains, la cheminée des sucreries aux torches si familières, il entend une dernière fois le bruit des machines tombées veuves. Le frisson disparaît à hauteur de sa nuque. Alors, l’esclave vieil homme plonge dans les hauts-bois. (CHAMOISEAU, 1997, p. 51)

É, então, a partir deste momento que a mudança sofrida pelo escravo se dará. Não se trata de uma evasão ordinária, na qual se corre para um destino desconhecido, pois durante sua fuga pela densa floresta, ele sofrerá uma espécie de metamorfose, na medida em que for pouco a pouco interagindo com a natureza e, ao mesmo tempo, tomando consciência de sua condição escrava, de seu lugar naquela sociedade, de sua estreita relação com o continente africano. Até mesmo sua alcunha muda no romance, pois ele passa de escravo velho homem a velho homem:

Le vieil homme courut. Il perdit très vite son chapeau, son bâton. Il courut. Courut sans aucune hâte. Un pas régulier qui mena de manière sûre entre les zayonn. Il envoya son corps par-dessus les souches défuntes, terrassa du talon les branches agenouillées, dévala de recluses ravines vouées à de purs silences. Autour de lui tout frissonna informe, noir de vulve, opacité charnelle, odeurs d’éternité lasse et de vie affamée. (CHAMOISEAU, 1997, p. 55)

A transformação pela qual passa o escravo é representada em nível textual pela mudança na voz narrativa, pois a terceira pessoa cede lugar à primeira, o que sugere uma

tomada da palavra pelo indivíduo que recupera sua história, seu passado, sua identidade. A imagem da luz irradiando pela floresta e a clareza que ela proporciona parecem evidenciar a visão clara, do agora velho homem, de tudo o que está em sua volta. Ele passa a contemplar a natureza que o amedrontava, pois fugir pela mata era um ato incerto, mas que agora se lhe apresenta em toda sua exuberância e beleza:

Il vit double. Lumière était forte mais plus aussi violente. Elle provenait de l'extérieur, sans doute de l'intérieur, l'irradiait à la douce. Les choses autour de lui étaient informes, mouvantes, comme exposées derrière une eau très claire, j'écarquillai les yeux pour mieux voir, et le monde naquit sans un voile de pudeur. Un total végétal d'un serein impérieux. Je. Les feuilles étaient nombreuses, vertes en manières infinies, ocre aussi, jaunes, marron, froissées, éclatantes, elles se livraient à de sacrés désordres. Je. Les lianes allaient chercher le sol pour s'emmêler encore, tenter souche, bourgeonner. Je pus lever les yeux et voir ces arbres qui m'avaient paru si effrayants dans leurs grands-robres nocturnes. Je pus les contempler enfin. (CHAMOISEAU, 1997, p. 82)

3.2 *Un dimanche au cachot*

Em *Un dimanche au cachot*, Patrick Chamoiseau desenvolve uma narrativa através da qual os vestígios de um passado marcado pela escravidão são evocados tendo como pano de fundo a história de mulheres oprimidas pelo sistema escravagista e pelo atual sistema. Todos estes fatos são reunidos e (re)interpretados pelo narrador do romance, personagem da história, e também na função de *Marqueur de paroles*, *Guerrier de l'imaginaire* e de *Éducateur* fator que parece preponderante para a leitura proposta da obra, uma vez que é a partir do modo como as histórias são encenadas, sem uma cronologia linear, sem uma exata relação com o mundo real, e sobretudo, a partir de relatos orais, supostamente recolhidos pelo narrador, é que o texto tende a se apresentar como uma alternativa à história oficial.

O mote da narrativa é a história de uma adolescente, Caroline, cuja vida é posta em risco por seus próprios pais, toxicômanos. Em casa, ela sofria abusos sexuais e, por vezes, ficava presa aos móveis, amordaçada, como um animal. Não bastasse todo esse sofrimento físico, testemunhou o suicídio do pai. Os abusos sofridos por Caroline não lhe foram infligidos somente por seu pai biológico, mas também por seu pai e seus irmãos adotivos, membros de uma família pela qual foi acolhida:

Agressions sexuelles commises par son père alcoolique et violent, soutenu par une mère apeurée s'adonnant à des cocktails de psychotropes...Souvent attachée à des meubles, battue, enfermée dans un parc à cochons... (CHAMOISEAU, 2007, p.119)

Assim, para ser protegida, foi levada para um abrigo para jovens órfãos ou molestados. Essa casa, que se situa em uma antiga fazenda açucareira, é dirigida por Sylvain, amigo do escritor e educador Patrick Chamoiseau – um dos diversos alter-ego do autor no romance - que o chama em um domingo chuvoso, a fim de auxiliar na recuperação da adolescente violentada, cuja saída foi esconder-se uma ruína existente no lar para adolescentes. As informações sobre Caroline são passadas para o educador – que se enclausura na antiga ruína com a adolescente – pelo diretor da casa, por meio de um celular:

Bik... Père suicidé devant elle... Bik...Mère internée souvent... Bik...Placée dans quatre institutions... Bik. Bik... Commis dégâts, coups, incendies et fuites... Placée dans une famille d'accueil, où la aussi le père, et deux des frères, l'avaient prise en souffrance et comme objet sexuel [...] (CHAMOISEAU, 2007, p. 119-120)

A leitura do romance, pouco a pouco sugere que, ao entrar na antiga ruína, Caroline não busca somente um lugar propício para esconder-se dos funcionários que ali trabalham, mas, de modo inconsciente, procura também um espaço onde possa esconder-se ou fugir de uma realidade, que lhe é tão adversa, e é paradoxalmente dentro de um antigo calabouço que ela encontra o refugio de que precisava.

Admettons que, diluée dans la ténèbre, devinant ceux qui viennent vers elle dans l'éclat de la fente, les percevant avec une acuité extrême, elle éprouve alors le sentiment d'être à l'abri. D'être perdue à tout jamais et, en même temps, d'être à l'abri de cette Habitation. (CHAMOISEAU, 2007, p.169, grifos do autor)

É neste local, o calabouço, que Caroline é encontrada pelo *Éducateur* – este, a partir de então, na pele do *Marqueur de parole* – que passa a lhe contar o passado de mulheres que, assim como ela, foram violentadas, sofreram abusos sexuais, estiveram aprisionadas em um calabouço. No romance, pode-se destacar duas destas mulheres dentre as personagens: a primeira, L'Oubliée, uma escrava, cuja história se entrelaçará à de Caroline, devido à semelhança dos acontecimentos ocorridos no passado escravagista aos da jovem no presente da narrativa. E, assim como ocorre com Caroline, o evento que modifica sua vida se passa em um domingo:

Je réexplique à Caroline (ses yeux retombés vides semblent n'avoir rien compris): Ce personnage est sans nom sans visage parce que, là ou elle se

trouve, ces choses ne servent à rien. On l'appelle juste " L'Oubliée" pour une raison à deviner, qui reste sans importance. Et elle se réveille un dimanche d'esclavage sur une Habitation. Pour elle, ce jour n'est pas banal (pour nous non plus, seigneur). Mais il y a plus à savoir tout de suite: c'est aussi un dimanche qu'elle s'est fait son miracle, un miracle que je vais découvrir en te le racontant. (CHAMOISEAU, 2007, p. 47-48)

A semelhança de situação entre as duas personagens se torna quase uma armadilha para o narrador, que se envolve em seu próprio relato, a ponto de se ver diante da personagem L'Oubliée, e de ter sua narrativa comprometida:

Tandis que j'imaginai L'Oubliée, terrifiée dans l'obscur où guettait la bête-longue, je pris conscience que Caroline était dans une position identique, comme si, dès mon entrée dans cette ruine, elle se trouvait déjà en face du prédateur. Dès lors, impossible de décrire L'Oubliée : elle était devant moi, dans le corps obscurci de l'enfant. (CHAMOISEAU, 2007, p.117)

A outra personagem, La Belle, tem sua história marcada pela sobrevivência à travessia de África para as Antilhas, em um navio negreiro. O ambiente fétido e desumano marcam a descrição do calabouço, o porão do navio, no qual ela e outros negros passaram durante toda a viagem, do qual, ao final, ela é retirada, única sobrevivente, entre os que ali jaziam. Todo o sofrimento a que fora submetida durante este trajeto marcaram-na profundamente, o que seria a causa de sua dificuldade para sorrir, de sua falta de expressão. Como que para se ver livre de uma mercadoria indesejável, fora vendida para seu senhor por quase nada:

Que c'était une créature sombre et sans rien d'expression. Qu'elle ne découvrirait jamais les dents, ne disait rien sauf dans une langue congo. Qu'on l'avait retrouvée au fond d'un bateau négrier déboulé de nulle part, voilure défaite, cordages dénoués, dans un silence de cimetière et d'odeurs putréfiées. Que l'équipage et toute la cargaison de bois d'ébène furent retrouvés gisant (sans distinction possible) dans une même pourriture. Qu'on recueillit cette unique réchappée, nouée autour d'une étincelle de vie comme un boyau séché. Qu'on la vendit au Maître pour presque même pas rien, comme on éloigne l'augure funeste. (CHAMOISEAU, 2007, p.49)

As intervenções do narrador nesta obra são feitas, por exemplo, a partir do questionamento da própria atividade literária. O ato de narrar, a função do escritor são postos em cheque – tanto a sua performance quanto a sua consecução. Nas palavras do narrador, pode-se perceber a relação por vezes conflituosa entre um suposto leitor e o escritor. É importante ressaltar que este leitor é mais uma das vozes presentes no texto:

Je sursaute. Celui qui parle ainsi c'est le "lecteur" que j'avais oublié. Il radote depuis un bon moment. Ce parasite vivote en moi comme l'éducateur ou l'écrivain. Il a tout lu ou presque, tout et n'importe quoi, et ce qu'il n'a pas lu il l'a sans doute humé. [...] Il est là depuis mon entrée dans la chose, et mille auteurs se tiennent dans son ombre. (CHAMOISEAU, 2007, p.133)

No que diz respeito à escrita em si, a discussão volta-se para o que ele nomeia “probabilidade do diálogo literário”, citando a obra que teria revolucionado o olhar sobre a literatura moderna, *Dom Quixote*:

Le lecteur soupire contre ce dialogue. Il le dit improbable. Inutile de laisser penser qu’il en va autrement. Il explore la matière de la vie avec de l’improbable, que ceci est connu depuis *Don Quichote* où le sortilège naît de l’improbable lui-même. Ce à quoi le lecteur répond que l’improbable lui-même peut défaillir en convention. Que, cette porte ayant été ouverte, l’improbable reste toujours à inventer et à réinventer, qu’il doit surprendre pour réussir une distance fascinante... Le lecteur radote devant la porte ouverte et l’écrivain ricane. (CHAMOISEAU, 2007, p.198)

A verosimilhança também é assim posta em cheque por este leitor e pelo próprio narrador, uma vez que a jovem adolescente tem o nome de uma das personagens da história que lhe é contada, o que, para o leitor, tornaria a narrativa pouco provável. No entanto, segundo o narrador, esta seria uma das diferenças entre outros textos escritos, como os vinculados à escola realista, os históricos, e a literatura, pois, a esta, permite uma dinâmica particular, na qual o incerto, o improvável, o impossível são fatores desejados pelo escritor e preponderantes para a concretização de sua empresa. Para isso, a partir do real, ele cria um mundo imaginário, no qual remodela as situações para enfim alimentar sua trama:

Je sursaute: Le lecteur proteste auprès de l’écrivain : *Vraiment, vraiment, vraiment...* Donner le nom de l’enfant au personnage de cette histoire noue une ficelle trop grosse. *Vraiment invraisemblable !* C’est sur quoi l’écrivain chicane que toute situation incertaine impossible improbable est la plus saine envisageable pour lui : elle le libère, lui permet d’écrire en renforçant autant que possible l’incertain l’impossible l’improbable, seules dynamiques amies de la littérature. [...] L’écrivain n’a aucun scrupule. il fabrique son charbon et l’enflamme tout seul. Il vit sa narration d’enflammé narratif... (CHAMOISEAU, 2007, p. 247, grifos do autor)

Estes questionamentos – quanto à escrita literária, seus propósitos e suas limitações –, já fazem parte do trabalho teórico e ficcional do autor. Pode-se encontrá-los, por exemplo, na obra *Écrire en pays dominé*, na qual o narrador descreve as dificuldades enfrentadas pelos intelectuais que escrevem fora do centro. Em uma de suas passagens, encontra-se o conselho do *Vieux guerrier*, com o qual o narrador estabelece um diálogo, ao dizer que, para que possa ser bem sucedido em sua empreitada, ele precisaria buscar em si mesmo o que o impulsiona a escrever, o que o mobiliza:

Tua liberdade é somente aparente, ele me dizia frequentemente. Tente, o mais distante de si mesmo, desvendar o que agita tua voz. Tu não saberás nada do mistério da Escrita, mas terás pensado o que, em ti, te mobiliza. (CHAMOISEAU, 1996, p. 22)

Abordar questões sociais complexas como a dos jovens em situação de risco na sociedade contemporânea sem cair em um discurso realista/naturalista não é tarefa fácil, nem mesmo fazê-lo sem adotar uma temática sensacionalista. Bem como tratar de temas como o da escravidão, sem adotar um tom maniqueísta. Ao tecer esta narrativa e fazer dialogar estas duas temáticas, Chamoiseau parece conseguir falar de uma experiência traumática, via discurso ficcional, fazendo emergir literariamente questões que há muito estiveram silenciadas:

Ils sont des centaines à survivre ainsi, sans coups, sans blessure, échappant même au fouet, juste à moitié invisibles dans cette inexistence, une frappe lente, quotidienne, invisible, nourrie de faux principes, très souvent non sanglante, apparemment non douloureuse – et c’est pourtant ce qui fait d’elle la pire des cruautés [...] (CHAMOISEAU, 2007, p.180-181)

Chamoiseau mostra que não há necessidade de descrições literárias sangrentas, narrativas repletas de crueldades extremas para narrar a violência, mas que o horror faz-se presente no dia a dia, na insensibilidade, na perda da consciência de si:

[...] L’horreur n’a pas besoin de sang, de tortures spectaculaires ou de massacres napoléoniens...L’horreur extrême peut être aussi une chose quotidienne, insensible, immobile, où l’humain se désimagine... (CHAMOISEAU, 2007, p.180-181)

A imagem utilizada na obra para dar conta da ausência da abordagem da escravidão é a da morte. O embate construído em nível textual na tentativa de representar através da escrita as experiências vividas no período escravocrata parece apresentar-se como uma opção para enfrentar esta espécie de fantasma, em que se transformou o tema da escravidão. A escrita representaria a vida, na medida em que daria um fôlego novo para abordar o tema, enfrentando as dificuldades que se lhe apresentam, como a busca de uma encenação alternativa destas histórias:

Ce qui rend la mémoire de l’esclavage si pleine et obsédante – dis-je à l’écrivain en train de constituer le carnet de notes du visiteur -, c’est qu’elle n’existe pas. Comme on n’en sait rien, on en sait tout. Et tout semble avoir été dit car rien n’a été dit. Aller avec l’écriture dans cette mort de l’esclavage c’est y aller avec la vie, car toute écriture est d’abord vie. Mais il apparaît difficile au regard de la vie d’explorer de manière juste et exacte (c’est-à-dire sans le perdre) le secret absolu de cette mort. (CHAMOISEAU, 2007, p.181)

Assim, na medida em que aborda a vida de uma jovem adolescente e rememora-se o vivido por outras mulheres também vítimas de um sistema que lhes impunha uma existência, pontuada pela opressão física e psicológica, o narrador consegue estabelecer uma conexão

entre diferentes momentos históricos e vinculá-los, possibilitando um trabalho reflexivo, via discurso literário, das tragédias a que foram submetidas estas mulheres. Retirar a catástrofe, a dor, a violência de dentro do calabouço, onde estão enclausuradas, parece ser uma ação que encontra sucesso quando é realizada por meio do embate através do imaginário, no qual as armas que o intelectual utiliza, a construção de imagens, a montagem de cenários, a condução da trama, bem como o apelo para as sensações e sentimentos. Tudo isso parece tornar concretizável a (re)apropriação, a remodelagem destas tragédias pessoais:

Pouvoir désencastrer la catastrophe, la lier à une autre ou à d'autres tragédies, ne serait-ce que pouvoir la mettre en mots, en sons, en images, en sensations, en danses ou en grimaces, permet de l'instituer en un souffle de vent, un limon primordial à partir du quel on peut tout remodeler, reprendre, retravailler...(CHAMOISEAU, 2007, p. 302)

Chamoiseau faz o que parece ser um trabalho arqueológico, na medida em que encena uma pretensa hesitação em falar de um assunto recalcado na sociedade – a escravidão e suas consequências – mas que, quando posto em cena, tornaria possível sua rememoração como uma lembrança recalcada: “En la voyant, la revoyant, tout s’était remis en place dans sa mémoire malade, car cet oubli n’était pas un oubli c’était un souvenir coincé.” (CHAMOISEAU, 2007, p. 213). Nas lembranças da jovem, este passado seria uma “memória doente” por causar-lhe distúrbios psicológicos, que para ela não são evidentes, mas que, na medida em que lhe são presentificados, através da narrativa, ganhariam o tratamento necessário para sua cura.

O combate a que se propõe o texto de Chamoiseau é, então, no sentido de desfazer o resultado das tentativas de se calar o vivido durante a época da escravidão. O discurso histórico oficial, embora seja a base de onde parte a reflexão do autor, possui lacunas que impossibilitam ou dificultam muito o acesso ao outro lado da história, sua versão alternativa. Nesse romance, o apagamento dos vestígios do sofrimento e da existência deste passado é representado pelo ato de limpar, desinfetar o calabouço onde esteve presa uma das personagens, *L'Oubliée* e pela cremação do cadáver de uma outra personagem, *La Belle*: “Quelques nègres iront jeter La Belle dans la fosse à païen. On fera brûler un grand seau de vinaigre au fin fond du cachot pour essayer de l'assainir”. (CHAMOISEAU, 2007, p.308-9)

Ainda nesta linha do não dito, Chamoiseau recupera em *Un dimanche au cachot* uma prática recorrente em sua obra: fingir não falar da dor, da violência, pretensamente para encarregar aqueles que as causaram desta tarefa. Em seu romance *Texaco* (2002), o narrador comenta a respeito do calabouço cuja finalidade era a punição de escravos: “Il ne faut pas

ilustrer ces choses là, afin de laisser à ceux qui les ont construites la charge totale de leur existence”. (CHAMOISEAU, 2002, p. 51). Já em *Un dimanche au cachot*, encontra-se a seguinte afirmação:

Je refuse de décrire ces cachots que les esclavagistes appelaient “effrayants”. Ils balisent une ténébreuse mémoire. Ils émergent dans mes livres, juste nommés : ceux qui les ont construits doivent en assumer seuls la damnation. (CHAMOISEAU, 2007, p. 38)

O calabouço, presente no título do texto, perpassa toda a narrativa, tornando-se o que Pierre Nora (1993) denomina de lugar de memória: “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora”. (NORA, 1993, p.12) Esta política de ressignificação do lugar por vezes ignorado, propositalmente ou não, possibilitaria uma maior compreensão do projeto no qual esta obra de Chamoiseau está inserida, qual seja, resgatar por meio da ficção as narrativas que se encontram aprisionadas no calabouço do esquecimento. Levar em conta a relevância deste passado por encená-lo em seus romances, evidenciaria sua relevância para uma melhor compreensão do presente: "A verdadeira percepção do passado consistia em considerar que ele não era verdadeiramente passado" (NORA, 1993, p.18).

Assim, este passado enclausurado no calabouço passaria a ser mobilizado na medida em que se constrói a narrativa, tornando possível a reestruturação das histórias que nele se encontram dispersas, fragmentadas. Ainda que este local evoque as marcas de um período traumático, a entrada nele poderia trazer à tona reflexões que contribuam para o estabelecimento de um pensamento crítico, alternativo às questões referentes à escravidão na contemporaneidade, como evoca a imagem do calabouço irradiando um brilho, talvez uma metáfora para o esclarecimento do que estivera até então obscuro: “C’est peut-être le signe même que le cachot le plus effrayant peut refléter, ou libérer, l’éclat du monde” (CHAMOISEAU, 2007, p.313).

O calabouço se configura na narrativa como o local onde se estabelecem as relações, entre narrador e personagem, entre as experiências das escravas e as da Caroline, entre as narrativas construídas no presente e a memória evocada por este lugar, onde teriam origem os processos de construção de um pensamento alternativo para a problemática da escravidão, com o qual a jovem possa compreender seu presente e conviver com ele, para sair do calabouço, tendo um olhar diferente sobre o mundo no qual está inserida.

O olhar sobre o calabouço, como uma ponte entre o ontem e o hoje, de onde poderiam surgir reflexões relevantes sobre o presente da jovem, parece revelar que este antigo

instrumento de tortura serviria também como meio de elucidação, o que evidenciaria uma contradição quando se pensa em sua função primeira, a punição. Seria assim um modo de compreender as possíveis relações estabelecidas entre elementos díspares. A compreensão dessa forma de pensamento é explicitada por Leandro Konder (2001) em *O que é dialética*, no qual o autor comenta a segunda das leis gerais da dialética, a lei da interpenetração dos contrários, formuladas por Engels, o que evidenciaria a existência de realidades contraditórias, que devem ser pensadas como tais:

A segunda lei é aquela que nos lembra que tudo tem a ver com tudo, os diversos aspectos da realidade se entrelaçam e, em diferentes níveis, dependem uns dos outros, de modo que as coisas não podem ser compreendidas isoladamente, uma por uma, sem levarmos em conta a conexão que cada uma delas mantém com coisas diferentes.” Conforme as conexões (quer dizer, conforme o contexto em que ela esteja situada), prevalece, na coisa, um lado ou o outro da sua realidade (que é intrinsecamente contraditória). Os dois lados se opõem e, no entanto, constituem uma unidade (e por isso esta lei já foi também chamada de unidade e luta dos contrários). (KONDER, 2001, p.58-59)

O exercício analítico-psicológico via discurso literário proposto pelo narrador, torna possível não só o tratamento do trauma da jovem, mas também a terapia da enfermidade mental coletiva, causada pelo recalque da questão escrava. Do choque entre a escuridão do calabouço – representativa de tudo o que ele cala – com a luz do celular do educador-narrador – sugerindo a presença de um pensamento moderno sobre a questão escrava – faria surgir uma alternativa crítica, a da abordagem literária do tema, caracterizada pela possibilidade de ser relida e acrescentada por outras leituras, outros olhares. Este calabouço, no entanto, não representaria uma síntese histórica, pois, senão, repetiria a mesma atitude daqueles que possuíam o direito de contá-la, mas uma versão cuja marca seria seu estado de constante construção e debate. Esta noção poderia ser chamado de a Dialética do Calabouço.

A noção de Dialética do calabouço neste trabalho interpreta de uma maneira mais abrangente a questão da clausura, da prisão, uma vez que, seja na ruína na fazenda açucareira onde a escrava L'Oubliée fora aprisionada, seja naquela onde a jovem Carolina encontrou refúgio na associação *Sainte Famille*, ou até mesmo, na prisão interior na qual vivia o escravo do romance *L'esclave vieil homme et le molosse*, pode-se perceber que aquilo que parece unir as três personagens é um tipo de clausura psicológica. Esta poderia ser desencadeada pela violência sofrida pelos escravos, na medida em que foram despossuídos de sua língua materna, de suas danças, de suas histórias.

Outro fator que parece relevante à análise da função da presença do calabouço na obra é o desfecho da narrativa e a surpresa do leitor ao saber que aquele não era, de fato, um calabouço utilizado durante a escravidão, após a obtenção do resultado de uma perícia feita por um arqueólogo de monumentos históricos:

- Drinnng!
- C'est moi... c'est Sylvain!...
- Oui, Sylvain...
- Ça va ?
- Quel jour on est ?
- Dimanche.
- Hon.
- J'ai eu l'archéologue des monuments historiques et de sites.
- Hon.
- Il dit que le cachot n'est pas un cachot.
- Ah bon ?
- Ouais, nègre.
- Et c'est quoi ?
- Il ne sait pas encore mais il jure que ça ne peut pas être un cachot !
- Ah.
- C'est embêtant ça, Sylvain ?
- Si c'est pas un cachot ça change tout...
- Ah... Et ça change quoi ? (CHAMOISEAU, 2007, p.318-319)

O fato de aquele lugar não ser um real calabouço, mas ainda assim ter servido de ponto de partida para uma reflexão sobre o passado escravocrata é o que parece ser relevante para o narrador, bem como aquilo que está presente no imaginário dos indivíduos desta sociedade e a possibilidade de reelaborar um discurso desencadeado pela memória do calabouço. Esta memória traumática é o que parece unir estas personagens, cujos presentes se entrelaçariam, na medida em que vão estabelecendo laços de pertencimento através da rememoração e reconstituição deste passado fragmentado. Seria uma forma de vínculo identitário por meio da narrativa de passado.

3.3 A narrativa da identidade

O projeto literário de Patrick Chamoiseau aponta para a construção de uma identidade coletiva, na qual seus membros estariam reunidos por meio de laços comuns, propiciando um reconhecimento. Isso se faria através de um discurso identitário que estaria presente nas histórias de seus antepassados, nutridas pelos vestígios de um passado silenciado e tecidas pelo entrecruzamento do discurso ficcional com o histórico. A história oficial cederia, assim,

os eventos, enquanto a ficção os remodelaria de acordo com as necessidades literárias do presente.

Na medida em que Chamoiseau narra as histórias de personagens reconhecíveis em sua comunidade, seja no passado narrado, seja no cotidiano atual, parece haver uma tentativa de criar uma atmosfera propícia para a germinação de uma identidade narrativa coletiva. Como explicita Jeanne Marie Gagnebin, comentando o conceito de identidade narrativa desenvolvido pelo filósofo francês Paul Ricoeur: “Nossa história inclui a dos outros, na qual figuramos como imagem, como personagem no desejo dos outros, nossos pais e ancestrais antes mesmo do nascimento.” (GAGNEBIN, 2007, p.54). O elo entre o discurso histórico e o ficcional seria o ponto de partida para o estabelecimento de uma identidade construída através das narrativas de relatos nos quais o indivíduo se reconheça: “[...] a identidade que um sujeito adquire mediante a narrativa de suas histórias é o lugar onde encontramos realizada a fusão entre ficção e história.” (GAGNEBIN, 2007, p.55).

Paul Ricoeur interessou-se pela “interpenetração da história e da ficção, oriunda dos processos cruzados de ficcionalização da história e de historicização da ficção”, resultando deste diálogo um conceito que parece ser bastante profícuo para a análise do conceito de identidade construída via discurso narrativo: “O frágil rebento oriundo da união da história e da ficção é a atribuição a um indivíduo ou a uma comunidade de uma identidade específica que podemos chamar de *identidade narrativa*.” (RICOEUR, 1995, p. 424, Grifos do autor). Assim, reconhecer-se no coletivo seria um processo que encontraria seu êxito quando da identificação de um agente comum à uma determinada comunidade, e a narração da história contribui para este processo: “A história narrada diz o *quem* da ação. A *identidade do quem é apenas, portanto, uma identidade narrativa*.” (RICOEUR, 1995, p. 424).

Este conceito poderia aplicar-se tanto a uma sociedade como um todo, como a um indivíduo: “A noção de identidade narrativa mostra ainda sua fecundidade no fato de que ela se aplica tanto à comunidade quanto ao indivíduo.” (RICOEUR, 1995, p. 425) A efetivação de uma história na qual uma sociedade e um indivíduo poderiam se identificar passaria pela questão da tessitura desta identidade narrativa: “indivíduo e comunidade constituem-se em sua identidade ao receberem tais narrativas, que se tornam para um e outro sua história efetiva.” (RICOEUR, 1995, p. 425).

Os romances de Chamoiseau buscam assim nutrir o imaginário coletivo na medida em que propõem a construção de uma comunidade narrada, na qual seus membros poderiam se reconhecer.

4 LITERATURA E HISTÓRIA

O interesse pelo entrecruzamento da história e da ficção é evocado por Yvan Lamonde, no texto *Qual História nos contamos? Ficção literária e história* (2001). Para ele, “as diferenças e as dificuldades exploradas não impedem de ver quais seriam as passarelas, e se possível, as pontes que se poderiam lançar entre historiadores e literatos [...]” (LAMONDE, 2001, p. 8), o que sugere que, a despeito dos obstáculos que se impõem à realização do trabalho de ambos, como, por exemplo, o trânsito no campo do simbólico, seria possível, sim, estabelecer um diálogo entre as duas disciplinas. A subjetividade da tarefa do historiador, fator que o aproximaria do romancista, é levantada também por Lamonde. Segundo ele, “qual seria essa “realidade” recuperada pela própria história, esse passado que se tornaria palpável apenas ao historiador que trabalharia com o núcleo de um átomo qualquer? (LAMONDE, 2001, p.8), o que evidenciaria ser o objeto da história não o real, o fato em si, mas a maneira como este é mobilizado e pensado. É essa questão que trataremos neste capítulo, mobilizando o pensamento de Georges Duby e Walter Benjamin.

4.1 O conceito de história

As reflexões do historiador Georges Duby servirão para tentar estabelecer os parâmetros que regem o *métier* de historiador e em que medida o trabalho de um romancista pode estabelecer-se como uma opção às versões históricas impostas a uma determinada sociedade, na medida em que se reflete sobre os limites do fazer literário enquanto discurso legitimizador da abordagem histórica da escravidão e dos desdobramentos desta empreitada.

No posfácio do livro *Diálogos sobre a Nova História* (1989), Duby ressalta uma das características de seu trabalho como sendo a de lançar um olhar em direção ao passado a fim de elaborar um discurso no qual seus contemporâneos possam encontrar respostas para suas inquietações: “O meu ofício consiste em fazer perguntas sobre o homem (sobre o homem de hoje), tentar dar-lhes respostas tendo em conta o comportamento de nossa própria sociedade numa etapa anterior de sua duração.” (DUBY, 1989, p. 161) Para isso, trabalha os vestígios que encontra, tendo como referência para o tratamento destes dados os ditames de seu ofício, o que o norteiam de um lado, dando-lhe uma trajetória a ser seguida, mas que, em

contrapartida, tendem a cercear uma abordagem mais livre, por estar vinculado às regras do fazer histórico: “Para isso, interpreto vestígios. Esses materiais chegam-me já tratados pela erudição, e tenho de os afinar ainda mais. Mas, quando os manipulo, tenho de respeitar algumas regras, prescritas pela moral do meu ofício.” (DUBY, 1989, p. 161)

A tarefa do historiador enfrenta também outro impasse, ao fazer o levantamento das informações recolhidas, nem sempre o profissional encontra elementos que lhe agradam: “Assim, sou suposto empregar todos os materiais disponíveis, e só esses. Não tenho o direito de lhes inventar complementos. Também não tenho o direito – o que me é mais difícil cumprir – de pôr de parte qualquer elemento incômodo.” (DUBY, 1989, p. 161). Uma atitude rápida e talvez menos trabalhosa seria o abandono do que lhe causa incômodo, seguindo assim com o inventário daquilo que lhe parece mais positivo. No entanto, para o historiador compromissado com sua função de ator social, tal atitude seria paradoxal, levando em consideração que tudo o que fora vivido é digno de ser repertoriado. O historiador não age, assim, arbitrariamente, ao fazer suas escolhas, nem pelo fato de se encontrar diante de uma grande quantidade de elementos, nem por discordar deles: “E, mesmo que a quantidade seja tão considerável que eu não consiga servir-me dela inteiramente, sendo obrigado a escolher, a minha escolha não deve ser arbitrária.” (DUBY, 1989, p. 161).

Por fim, Duby aponta para o que seria uma máxima de todo historiador, o que em hipótese alguma poderia ser aceito no exercício da tessitura do discurso histórico, o imaginar: “Tudo o resto, no fundo me é permitido, e nomeadamente, desde que não tresvarie, imaginar.” (DUBY, 1989, p. 161). Eis aí o que diferenciaria o historiador do romancista, uma vez que ao primeiro é imposta a necessidade de investigar, fazer um apurado levantamento dos fatos e torná-los discursáveis, na medida em que os molda segundo os padrões e os limites impostos pelas normas do discurso histórico. Ao segundo, não se impõe a apuração dos dados. Além disso, sua reconstituição, via discurso literário, será enriquecida pelo imaginário artístico, fazendo com que o vivido ganhe uma abordagem que somente através da criação literária se tornaria possível.

O trânsito pelo terreno da história não parece, no caso de Chamoiseau, significar a procura de um simples pano de fundo para situar suas tramas. O resultado desse empreendimento se transformaria no mote para que o romancista traduzisse estas informações recolhidas em uma narrativa ficcional, em um exercício de imaginação por meio do qual contexto histórico, personagens fictícias, encenariam, em um recorte temporal, o que poderia ter sido. Esta concepção corroboraria o pensamento de Duby, pois, para ele, “[...] a história é de facto, na nossa cultura, uma das formas fundamentais através das quais uma sociedade

afirma a sua própria imagem, e a sonha [...]” (DUBY, 1989, p.44). Sendo assim, a função do historiador, enquanto produtor de discursos nos quais seus iguais poderiam se ver representados, ganharia contornos ainda maiores, uma vez que, como afirma Duby, a história seria umas das formas de afirmação da imagem feita de si por uma sociedade.

Em suas teses “Sobre o conceito da história”, Benjamin já opunha o historicista ao materialista histórico. O primeiro estaria interessado em apresentar um passado eternizado, sem uma conexão com o presente. Este passado estaria preso a algum momento distante, desconectado do momento atual: “O historicista apresenta a imagem “eterna” do passado [...]”. Já o segundo, não envereda no que parece ser a falácia dos relatos “era uma vez”, supostos veiculadores de verdades históricas, deixando para os historicistas esta tarefa. O materialista histórico particulariza a experiência sobre a qual se debruça, tornando-a única: “[...] o materialista histórico faz desse passado uma experiência única. Ele deixa a outros a tarefa de se esgotar no bordel do historicismo, com a meretriz “era uma vez”.” (BENJAMIN, 1994, p.231). Assim, por não concentrar suas forças em fontes caracterizadas pela imobilidade, pela estagnação no tempo, o materialista histórico concentraria suas energias em um exercício de mobilização de um passado, cujas implicações atravessariam o tempo e chegariam ao presente cheios de significação, possibilitando uma maior compreensão dos fatos, que, por sua vez, lançaria base para um olhar diferenciado para o futuro. Para o materialista, a história seria um *continuum* : “Ele fica senhor das suas forças, suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o *continuum* da história.” (BENJAMIN, 1994, p.231)

Walter Benjamin distingue ainda os conceitos de historicismo e de historiografia materialista, cujas metodologias se diferenciam, pois para ele, o “historicismo culmina legitimamente na história universal.” (BENJAMIN, 1994, p.231) Esta abordagem universalizante não disporia de um aparato técnico para o tratamento dos relatos, funcionaria à base da soma do que é recolhido como material de pesquisa, o que a distanciaria do procedimento metodológico da historiografia materialista: “Em seu método, a historiografia materialista se distancia dela talvez mais radicalmente que de qualquer outra. A história universal não tem qualquer armação teórica. Seu procedimento é aditivo.” (1994, p.231)

Benjamin ressalta ainda o que seria uma particularidade do historicismo, o emprego dos fatos de forma massiva, indeterminada, preenchendo assim um espaço de tempo de modo uniforme: “[Ele] utiliza a massa dos fatos, para com eles preencher o tempo homogêneo e vazio.” (1994, p.231) Por outro lado, a historiografia marxista teria como alicerce a idéia de constructo, por meio da qual, cada relato teria sua relevância na montagem dos fatos, que

culminariam na tessitura do todo: “Ao contrário, a historiografia marxista tem em sua base um princípio construtivo.” (BENJAMIN, 1994, p.231)

No sétimo fragmento de seu texto intitulado *Sobre o conceito da história*, Benjamin continua a estabelecer contrastes entre o trabalho do investigador historicista e do materialista histórico, contudo, neste momento do texto, o filósofo passa a uma análise do modo como os diferentes historiadores abordam os fatos, uma vez que anteriormente, tentou-se mostrar que o que os diferenciava era a forma, um buscava uma abordagem mais universal, o outro mais particular. Entra em questão, portanto, com quem os historiadores vão estabelecer uma relação, com que vertente dos fatos eles vão constituir uma laço afetivo e por quais motivos. Para Benjamin, parece existir um jogo de interesses entre o historicista e o objeto de sua busca, pois ele estaria vinculado aos vencedores, os que comumente triunfaram na história: “[...] com quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor.” (BENJAMIN, 1994, p.225) Segundo ele, há uma ligação entre os vencedores, parece que são sempre os mesmos, os que pertencem as mesmas classes, os dominantes: “Ora, os que num dado momento dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores.” (BENJAMIN, 1994, p.225) Estes vencedores seriam os que sobrepujavam os vencidos, aqueles que não tiveram o direito de terem suas versões dos fatos repertoriadas, o que teria resultado na não valorização de suas culturas, de seus valores. É o que Benjamin parece chamar de bens culturais, o despojos que eram carregados pelos vencedores: “Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos de bens culturais.” (BENJAMIN, 1994, p.231)

Já o materialista histórico assume uma postura de afastamento dos despojos culturais, pois sua análise o leva às razões e aos meios pelos quais foram angariados: a base da violência e da opressão. Ele diferencia-se, assim, do historicista, por conseguir enxergar o horror que há por trás de cada uma das vitórias narradas:

O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. (BENJAMIN, 1994, p.225)

Desta forma, diferentemente do “investigador historicista”, mencionado, o materialista histórico “[leva] em conta a verdade de que nada do que aconteceu pode ser considerado

perdido para a história.” (BENJAMIN, 1994, p.223) Não há, portanto, o privilégio de uma versão sobre a outra, tornando-se a apreciação do relato histórico uma atividade a ser feita pelo leitor, pelo estudioso de história, tudo isso na medida em que parece estabelecer um ponto de vista imparcial sobre os fatos.

Evocando a prática do historiador na contemporaneidade, Duby ressalta o que parece ser uma tendência no trabalho de historiadores no decorrer do século XX, que seria a diferenciação na abordagem do fato histórico. Ao ter como base o trabalho de antropólogos para a realização de sua tarefa, o historiador passa a levar em conta o contexto no qual o indivíduo está inserido bem como fatores como política, economia, religião, que seriam fundamentais em sua construção enquanto sujeito. Para Duby, “O historiador tende a decalcar o seu questionário sobre o dos antropólogos. O que o conduz a uma concepção dos campos do político, do econômico e do religioso totalmente diferente da do princípio do século XX [...]” (DUBY, 1989, p. 85) Esta postura do historiador o levaria a adotar uma nova percepção do ser humano, “a pôr questões novas sobre o homem, ao mesmo tempo sobre o corpo do homem e sobre o espírito do homem.” (DUBY, 1989, p. 85) Em sentido mais amplo, toda esta reformulação do olhar do historiador estaria conectado a um movimento bem mais abrangente, comprometido com novas facetas de enunciar o ser humano, seu lugar, seu contexto, sua história. A nova história, ou “boa história”, segundo Duby, estaria aberta a um novo modo de expressão, a uma linguagem através da qual pudesse, por exemplo, dar conta da reformulação de seu próprio discurso, de uma enunciação mais plural:

Uma boa parte da “novidade” da história reside nisto. Há também o seguinte, que está intimamente ligado ao que acabo de dizer: é que esta história a que se chama nova – por mim, insisto, prefiro chamar-lhe a “boa” história, porque a história nunca deixa de ser nova: felizmente! -, a boa história, portanto, parece-me adoptar um modo diferente de *pronunciar*, no fundo, o seu próprio discurso; já não se fecha numa gíria de oficina, quer sair da oficina, e deseja-o cada vez mais. (DUBY, 1989, p.85,86)

Este novo *modus operandi* da história, que estaria disposto à renovação de seu jeito de pronunciar, poderia ser visto nos textos literários comprometidos com uma revisão do discurso histórico, através das montagens e desmontagens propiciadas pelas estratégias da narrativa ficcional, menos presa ao pacto de verossimilhança que rege a tarefa do historiador. A ficção coloca em cena os não só datas, eventos, e pessoas, mas encena as histórias de indivíduos, propiciando-lhes o que poderia ser um novo lugar dentro da história, concedendo-lhes individualidade, ao particularizar seus dramas pessoais.

Entretanto, a história admitiria que tudo é passível de ser narrado? Esta parece ser uma provocação feita por Guy Lardreau a Duby durante a entrevista: “[...] aceitaria dizer que o que constitui o caráter específico dessa história é que ela admite, no fundo, que *tudo pode ser objecto da história?*” (DUBY, 1989, p. 86), mostrando que há por parte dos intelectuais do campo da história, também esta preocupação. A resposta de Duby confirma a suspeita: “Isso parece-me verdadeiro. [...] É verdade, tudo é história.” (DUBY, 1989, p.86)

Duby demonstra acreditar no poder da história em atualizar seu discurso e trazer à tona aquilo que fora calado, ocultado, fazendo uma espécie de revelação dos fatos arquivados, postos à parte. O historiador agiria assim de modo a colocar sob a luz do pensamento, versões desconhecidas de fatos comumente presentes nos manuais históricos: “Temos, pois, de forjar os utensílios de uma nova erudição, mais capazes de fazer aparecer o negativo do que nos é mostrado, o que é voluntariamente ocultado pelos homens[...]”. (DUBY, 1989, p.87)

Haveria, então, a possibilidade de encarar a literatura como uma opção discursiva para esta questão, na medida em que o discurso ficcional “penetraria nas camadas do não dito da história”, trazendo à tona versões alternativas que contribuiriam para a construção de seu *continuum*? Para Duby, seria através do exercício discursivo que se faria brotar, aquilo que está entranhado nas fissuras dos textos construídos ao longo dos anos, e que se tornaram as únicas fontes veiculadas: “[o não dito] brota por vezes de modo totalmente acidental, mas que o mais das vezes é preciso descriptar nos interstícios do que é dito.” (DUBY, 1989, p.87)

Duby concebe um novo fazer do historiador contemporâneo, que estaria preocupado em captar o silêncio, tarefa portadora de um paradoxo em sua concepção, mas que parece despertar para uma necessidade, um desejo presente na atividade deste intelectual, interessado em fazer ouvir, em reproduzir discursos outros: “Há, é claro, o não-dito, o silenciado, que a história, nas suas operações mais novas e mais prometedoras, se esforça por captar.” (DUBY, 1989, p.88) O que parece ser novidade na tarefa deste historiador, estaria no fato de ele lançar mão de outras disciplinas para dar corpo e iluminar ainda mais suas reflexões. Duby fala da contribuição da psicanálise, quando esta aborda a questão do silêncio, daquilo que não fora expresso. Segundo ele, seria nas partes obscuras dos discursos, onde se encontram falhas, silêncios, que os psicanalistas encontrariam aquilo que de fato seria relevante, essencial para a história: “É sem dúvida no decurso desta procura do inexpresso que a *experiência* dos psicanalistas, mais do que as teorias, pode servir-nos: advertindo-nos de que nem tudo é dito, de que talvez seja nas zonas de sombra que se encontra o essencial do discurso.” (DUBY, 1989, p.88) Seria necessário, na efetivação deste trabalho, sob estes novos contornos, mudar também o modo de fazer, por inovar no processo de apreensão dos fatos e na relação com o

outro-sujeito: “Levando-nos a procurá-lo – mas a procurá-lo, como disse, por outros processos, e numa relação totalmente diferente com o outro.” (DUBY, 1989, p.88).

Assim, parecem relevantes os seguintes questionamentos: “as operações mais novas e mais prometedoras e por outros processos, e numa relação totalmente diferente com o outro” (DUBY, 1989, p.88), a que se refere Duby, não seriam as novas propostas da literatura, dita pós-moderna, cujos textos propõem uma nova forma de representação da realidade? A maneira como estes arquivos são mobilizados, em um texto não linear, em um processo de individualização do sujeito, para que seus dramas possam ser percebidos, potencializados? E essa nova relação com o outro, poderia ser percebida na prática discursiva do intelectual-escritor que se volta para questões fundamentais em seu contexto, sem distinção da relevância do tema para as instituições acadêmicas, por exemplo?

4.2 Arquivo : a organização dos dados via discurso literário

A necessidade de organizar os dados captados e inventoriados pelo escritor a fim de dar corpo à sua narrativa não acontece de forma aleatória; parece, no entanto, haver no trabalho de pesquisa empreendido por ele, uma tentativa de resgate de diferentes versões de fatos históricos, comumente transmitidos sob um único ponto de vista, o daqueles que sempre dispuseram da letra para fazê-lo. Não só o tema de que tratam os escritores parece relevante para esta proposta de reescrita da história, mas também o modo como ela é efetivada, pois as narrativas hoje fogem dos moldes realistas, apresentando-se fragmentadas temporal e espacialmente.

Assim, para tentar dar conta deste novo redimensionamento da história pelo texto literário, um conceito que poderia ser mobilizado nesta análise é o de arquivo. Este modo de conceber o arquivo vai ao encontro da concepção de que a história não seria um conjunto disforme, estático e estanque de memórias, tendo no presente um papel atuante, uma vez que se percebe os fatos históricos de modo dinâmico, particular e conectado ao momento atual.

Jacques Derrida em seu livro *Mal de Arquivo*: uma impressão freudiana, debruçou-se sobre o tema, abordando desde a busca etimológica do termo arquivo até aspectos filosóficos de sua concepção:

Não comecemos pelo começo nem mesmo pelo arquivo. Mas pela palavra “arquivo” – e pelo arquivo de uma palavra tão familiar. *Arkhe*, lembremos, designa ao mesmo tempo o *começo* e o *comando*. Este nome coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio da natureza ou da história, *ali onde* as coisas *começam* – princípio físico, histórico ou ontológico –, mas também o princípio da lei *ali onde* os homens e os deuses *comandam*, *ali onde* se exerce a autoridade, a ordem social, *nesse lugar* a partir do qual a ordem é dada – princípio nomológico. (DERRIDA, 2001, p.11)

Aos arcontes gregos, somente a eles, era dada a tarefa de guardar em suas casas os documentos oficiais das cidades-estado da Grécia antiga e a interpretação de tais papéis, pois eram juízes. Nas residências dos arcontes nasceram os arquivos primordiais. Mantinham-se a guarda dos atos administrativos e políticos e da história do Estado, bem como a competência hermenêutica sobre eles no mesmo local, no mesmo domicílio. Assim, a posição do arquivo como “começo” e “comando” torna-se essencial para uma maior compreensão da relevância deste conceito na proposta de leitura da narrativa literária enquanto instauradora de um olhar alternativo para o texto histórico:

Depositados sob a guarda desses arcontes, *estes documentos diziam, de fato, a lei: eles evocavam a lei e convocavam à lei*. Para serem assim guardados, na jurisdição desse *dizer a lei* eram necessários ao mesmo tempo um guardião e uma localização. Mesmo em sua guarda ou em sua tradição hermenêutica, os arquivos não podiam prescindir nem de suporte nem de residência. (DERRIDA, 2001, p.13, grifo nosso)

Derrida aponta para uma política do arquivo, cujo tratamento deveria ser feito de modo constante, assinalando a relevância do tema: “Certamente, a questão de uma política do arquivo nos orienta aqui permanentemente, mesmo se a duração de uma conferência não nos permite abordá-la diretamente e com exemplos.” (DERRIDA, 2001, p.16). Para o filósofo, essa discussão perpassa uma questão que seria maior, a da democratização, uma vez que ter acesso aos arquivos possibilitaria um novo olhar sobre antigos questionamentos:

Não determinaremos jamais esta questão como uma questão política entre outras. Ela atravessa a totalidade do campo, e na verdade determina, de parte a parte, a política como *res publica*. Nenhum poder político sem controle do arquivo, mas da memória. A democratização efetiva se mede sempre por este critério essencial: *a participação e o acesso ao arquivo, à sua constituição e à sua interpretação*. (DERRIDA, 2001, p.16, grifo nosso)

A argumentação que este trabalho procura estabelecer para defender a idéia de que o texto literário poderia ser levado em consideração como uma alternativa às narrativas históricas oficiais, legitimadoras do poder das classes dominantes, omitindo as versões dos dominados e vencidos, parece encontrar na citação acima mais força para encarar o trabalho do romancista como um meio de acessar os arquivos, reconstituí-los e por fim, reinterpretá-

los, segundo as necessidades do seu presente. Este pode lutar através do imaginário, usar a literatura como arma do pensamento crítico, ao reconstruir o passado, desvelando o que estivera escondido nas ruínas do esquecimento.

Desta forma, o escritor efetivaria à sua maneira a reconstituição do processo histórico, na medida em que, a partir do presente, agiria no passado, considerando este não como algo estático, imutável, mas como passível de outras interpretações e capaz de influir efetivamente no presente, por possibilitar novos olhares sobre antigas questões. Durante esse processo de reconstrução e resignificação do passado, o escritor faria surgir versões que entrariam em choque com as oficiais, colocando em cheque sua credibilidade, e seu *status* privilegiado.

Por fim, o entrelaçamento entre literatura e história, encontraria na prática da rememoração um campo fértil, na medida em que a memória é mobilizada para que, a partir de seus flashes, o romancista possa remontar os fatos de forma como poderiam ter sido. A memória seria instigada por meio de lembranças de lugares, de objetos, de histórias, sendo reformuladas no presente e possibilitando o trabalho com um passado muitas vezes, ainda hoje, inquieto. Assim, rememorar fatos históricos, os retirar de ruínas reais, imaginadas, simbólicas, lançando mão dos recursos literários, parece constituir prática relevante para este trabalho.

4.3 Rememoração: a presentificação do passado

Uma das necessidades das sociedades ocidentais na contemporaneidade parece ser o fato de elas estarem voltadas para a mobilização da memória enquanto um fenômeno cultural e político. Assim, parece ficar evidente que a busca pelo passado, distante ou não, mas que de alguma forma está latente no presente, mobiliza o desejo de descortinar o que estivera guardado ou escondido nos arquivos da memória.

Neste sentido, a literatura parece apresentar-se como uma das vertentes narrativas interessadas em mobilizar estes arquivos a fim de dar-lhes um tratamento, o que, por sua vez, possibilitaria o trabalho com questões traumáticas, como é o caso da escravidão, por exemplo. A crítica literária Nelly Richard aponta para um tipo de exercício intelectual que reconfiguraria este passado traumático e o converteria em uma “arma de entendimento crítico e não uma simples revelação do acontecido”. (RICHARD, 2002, p. 194). Para ela, o exercício da memória envolve deixar transparecer a relevância dada ao trabalho ativo do intelectual.

Segundo Richard, “a memória vai realizando seu trabalho construtivo [...], deslocando os vestígios da experiência para novas superfícies de inscrição, para que se reformulem a partir das localizações do presente [...]” (RICHARD, 2002, p.194) Desta forma, o deslocamento destas experiências ancoradas na memória para o presente, tornaria possível atualizar o olhar que é lançado, o que se configuraria no que ela chama de “novas superfícies de inscrição”.

Richard aposta no que nomeia “memória-sujeito”, caracterizada pelo movimento, não presa a um passado longínquo e estático, mas que, na medida em que é submetida a um exercício de reflexão, de resignificação, seria capaz de remodelar os vestígios levantados e os reapresentar no presente, inseridos em práticas “dinâmicas de representação e expressão.” (RICHARD, 2002, p.194) Não poderiam estas práticas ganhar corpo com as narrativas atentas às necessidades da escrita literária, que se alimentam do passado para, no presente, abordar questões ainda latentes nas sociedades contemporâneas?

Somente este trabalho ativo de reconfiguração do sentido é capaz de introduzir uma distância, reflexiva e criativa, entre o ponto fixo (morto) do que foi e uma memória-sujeito (em processo e movimento), que transforma qualitativamente os vestígios do acontecido, ao reinscrevê-los na materialidade *viva* das novas dinâmicas de representação e expressão. (RICHARD, 2002, p.194, grifo nosso.)

A atuação do sujeito na recodificação do objeto histórico por ele estudado é também tema de interesse para George Otte, em seu texto intitulado “Rememoração e citação em Walter Benjamin”, no qual o autor trabalha o conceito de rememoração – em alemão *eingedenken* – e perscruta a tarefa do historiador, tendo como base as diferenças estabelecidas por Benjamin nas teses *Sobre o conceito de história*. Assim, uma significativa atuação do sujeito quando de seu encontro com o objeto da história, seria potencializada tendo como aparato os semas da rememoração: “[...] o *eingedenken* passa a ser um instrumento nas mãos de Benjamin para superar as falhas do Historicismo, uma vez que possibilita o encontro do sujeito com o objeto da história.” (BENJAMIN, 1994, p.3)

Nessa incursão pelo terreno da memória e no trabalho que pode ser feito no presente a partir dela, torna-se relevante a análise do elemento tempo no conceito de *eingedenken*. Otte fala de um tempo que poderia ser representado em forma de espiral, imagem importante para uma construção dinâmica do processo histórico: “O tempo do *Eingedenken* poderia ser representado em forma de espiral que, vista de lado, cresce continuamente, mas, vista de cima, mantém sempre a mesma forma circular.” (OTTE, 1996, p.3) Haveria assim, nesse movimento constante em espiral um distanciamento temporal, não linear, o que assinalaria as diferenças entre os períodos históricos, mas também uma semelhança, na medida em que o

movimento está ligado a um ponto fixo no passado e, na movimentação, há sempre uma aproximação entre os pontos:

A progressão da espiral, seu crescimento, implica um distanciamento entre dois pontos, (entre os dias de dois anos distantes), evidenciando-os como pontos diferentes; a repetição, ao contrário, anula este distanciamento, evidenciando a identidade dos mesmos, devido à superposição dentro da mesma espiral. (OTTE, 1996, p.3)

O desejo de se apropriar do tempo, de compreender as mudanças que se operam com o desenrolar da história, de se reconhecer enquanto sujeito desse processo, parece ser o desejo de Patrick Chamoiseau, expresso na obra *Métiers créoles tracées de mélancolies* (1999), na qual encontram-se reunidas fotografias da vida cotidiana dos martinicanos, feitas pelo fotógrafo Jean-Luc de Laguarigue, precedidas de um texto ficcional escrito por Chamoiseau. Neste trabalho, o autor tece uma narrativa na qual um *vieux nègre*, vivendo isolado e esquecido de seus familiares, assume para si a tarefa de tentar disciplinar uma criança da família, pois esta possuía um temperamento particular, bastante distinto das outras de sua mesma faixa etária: “[...] Il n’aimait pas les Mac-Donald, n’aimait pas les baskets, n’aimait pas les tee-shirts, ni même les Nintendo avec lesquels on peuplait les recoins de sa chambre.” (CHAMOISEAU, 1999, p.5) A contragosto, os familiares resolvem concordar com a proposta do *vieux-nègre*, que toma a criança e percorre com ela o interior da região onde moravam: “Le vieux-nègre sortit des routes asphaltées et des trottoirs fleuris. Il se mit à suivre de petites traces qui zinzolaient à l’écart des grands bourgs et des lumières des villes.” (CHAMOISEAU, 1999, p.5)

Neste texto, Chamoiseau faz um elogio à tradição, representada pela sabedoria do velho, que se apresenta como guardião dos hábitos e costumes da cultura crioula, crítica as gerações mais novas por desprezarem suas raízes culturais em detrimento de uma pretensa modernidade. A sabedoria do velho estaria no fato de ele rapidamente compreender o motivo do estranho comportamento da criança e de propor uma maneira de tratar da questão. Estaria em jogo, então, a possibilidade de o discurso da história, de um inventário da tradição martinicana ser a solução para um problema que parece ser o do deslocamento do sujeito em uma sociedade fragmentada. Seguindo o que o narrador chama de *Traces*⁸, termo que poderia ser traduzido por marcas, impressões, lembranças, torna-se possível estabelecer uma conexão

⁸ Este é um conceito cunhado por Édouard Glissant, para pensar os vestígios. Em português, a palavra trilha, segundo o dicionário Houaiss, acumula, como no crioulo, os dois sentidos – significando tanto “caminho rudimentar, geralmente estreito e tortuoso”, quanto “vestígio deixado por pessoa ou animal no caminho que percorreu”.

com a idéia de rememoração, na medida em que a partir de um presente questionador, busca-se nos vestígios do passado respostas para os questionamentos do hoje. Essa caminhada, que prefiguraria uma viagem pelo passado, mas ancorado no presente, esclareceria o que estivera até então obtuso na consciência daquela criança, ou seja, seus valores, sua história. Tudo isso enquanto ela ouvia a narração da versão contada por seu avô: [...] elle ses gravaient dans son esprit avec une précision solaire...”(CHAMOISEAU, 1999, p.5)

A descrição do percurso traçado pelo velho e seu neto, através da Martinica, não está presente nos mapas, mas somente na memória reconstituída através dos vestígios: “Ils traversèrent ainsi le pays-Martinique sous un monde qu’aucune carte ne connaît.”(CHAMOISEAU, 1999, p.14) O sucesso da empreitada do velho com seu neto estaria evidente no modo como a criança passou então a se comportar, na maneira como ela passou a ver o mundo e a encarar sua realidade:

[L’enfant] qui se mit à vivre en toute confiance et insolance. [...] On dit – *mais on dit trop de choses!*... – que l’enfant vécut seul, qu’il grandit seul (c’est-à-dire sur la force de lui-même), et que son regard avait une telle puissance que chaque prise de ses yeux devenait une photo. (CHAMOISEAU, 1999, p.14)

Este apelo que o presente faz ao passado, na tentativa de compreendê-lo, parece ser motivado pelo desejo, este sentimento em cuja estrutura estaria a ausência. Este seria o princípio contido na reconstrução de versões do discurso histórico a partir dos vestígios. O retorno ao passado como forma de decifrar os enigmas do presente seria latente no sujeito, ansioso de se reconhecer em seu meio: “La Trace (et ses filles traditions) est l’appel que le présent envoie vers le passé – comme un désir. Mais c’est aussi ce que le passé dépose comme désir dans l’espace du présent. ” (CHAMOISEAU, 1999, p. 9)

Assim, o ato de questionar o discurso da história, a historiografia, bem como seus caminhos percorridos para se estabelecerem enquanto fonte de referência no decorrer dos anos e proporem novos rumos e diferentes meios de narrar suas culturas, seus costumes, suas tradições, seria uma necessidade a que estariam atentos alguns intelectuais caribenhos, como Patrick Chamoiseau. As reflexões de Yolaine Parisot, no artigo *Écrire le présent dans les marges de la contre-histoire*, apontam para a importância de não encarar o trabalho empreendido por estes intelectuais como uma atitude reacionária, mas à resposta a um questionamento latente, há muito presente naquelas sociedades: “Os escritores caribenhos francófonos não esperaram o retorno da/sobre a questão colonial para fazer da ocultação

operada pelos discursos histórico e historiográfico a matéria de seu discurso memorial” (PARISOT, 2009, p.123)

O olhar para a história como um fenômeno em processo contínuo, sendo transformado por um presente iluminado por análises contemporâneas, atentas aos novos rumos das teorias críticas, voltadas para o estudo das relações entre sujeito e sociedade, levando em consideração aspectos culturais, sociais e políticos, apontaria para o “presente como momento decisivo na compreensão da história.” (OTTE, 1996, p. 214) A relação que parece lógica de causa e efeito, do passado influenciando no presente, é desconstruída, dando lugar a uma apreciação a partir do presente para uma melhor compreensão do passado: “[...] não é mais o passado que explica o presente nos termos de causa e efeito, mas que é o presente que possibilita a compreensão do passado.” (OTTE, 1996, p. 214) Perscrutar o passado a partir de vestígios encontrados no presente sob esta perspectiva materialista possibilitaria, então, uma reinterpretação destes índices consoante com as demandas críticas e teóricas contemporâneas, focadas em tramas narrativas ancoradas num tempo distante, mas atualizadas nas relações sociais.

4.4 A dialética do calabouço - uma proposta de versão alternativa

O escritor poderia, então, escolher diversos caminhos para voltar ao passado, e a partir dele, construir sua trama narrativa, realizando através do imaginário, um exercício crítico de análise do seu tempo presente. A rememoração, assim, passaria a ser um meio para a realização desta tarefa, na medida em que ela mobilizaria os vestígios, para empreender seu trabalho de arqueologia, nas linhas de um romance.

A investigação da clausura como caminho para melhor compreender o presente, encontra campo fértil nos dois romances analisados, pois Chamoiseau utilizou um tipo de prisão interior, psicológica e invisível, da qual o velho escravo fora libertado em um momento de reflexão e consciência de si enquanto indivíduo, em meio à massa de trabalhadores escravizados. No caso do *Un dimanche au cachot*, o autor se apropriou de uma velha ruína, que poderia ter sido um calabouço, onde escravos eram aprisionados como forma de castigo, para tentar demonstrar como a partir destes lugares de memória seria possível tratar de traumas nas sociedades escravocratas.

O olhar lançado sobre o passado seria uma maneira de iluminar as ruínas de um período marcado pela dor e pelo silêncio dos sujeitos dessas histórias, que nos romances em questão, são elevados a protagonistas das narrativas de suas vidas, ganhando na ficção um espaço de reflexão que tanto a vida real quanto a história dita oficial não quiseram lhes dar.

Ao longo dos romances de Chamoiseau, o leitor envereda por enredos cuja tessitura parece propiciar um mergulho no tempo, não de forma linear, pois as histórias são fragmentadas tanto espacial quanto temporalmente, construindo um lugar, no qual se estabelece um diálogo entre presente e passado, objetivando os relatos sobre a escravidão, e trazendo à tona versões silenciadas pela história oficial. A rememoração encontraria no corpo do escravo e na imagem da ruína, um lugar a partir de onde o pensamento crítico poderia ser exercido.

A imagem do encarceramento, do cerceamento da liberdade, perpassa ambos os romances, o que reforçaria a tese de que pensar a partir da clausura seria uma proposta para buscar de saídas, vias alternativas para relatos, nos quais imperavam uma visão maniqueísta da história, uma vez que as relações eram baseadas em pares dicotômicos como escravo bom *versus* senhor mau, escravo rebelde *versus* escravo pacato, em resumo, negro *versus* branco. Na medida em que se aprofunda nos dramas individuais do escravo, nas agruras de sua rotina, suas reflexões, bem como da vida cotidiana da jovem, estas personagens são humanizadas. Não há a construção de um herói prototípico, como modelo de referência para os demais, e sim a exposição de indivíduos comuns.

O exercício reflexivo de remontagem do passado a partir do presente geraria estas narrativas literárias, que poderiam ser consideradas como versões alternativas da história. O ato de revisitar os vestígios deste passado produziria uma espécie de colisão quando confrontados com a criação ficcional. Existiriam em todo este processo de construção, de reconstituição dos fatos, elementos do que se conhece como pensamento dialético, uma vez que seria a partir do confronto entre um possível fato histórico com novas narrativas que se conceberia a gênese de discursos históricos diversos, uma espécie de alternativa discursiva em constante processo de elaboração.

Esta então seria a base de onde derivaria o conceito de dialética do calabouço, para tentar demonstrar como a literatura poderia revisitar o passado, mobilizá-lo e resignificá-lo, pois não o considera como algo inerte sem relação com o presente, podendo este conceito ser considerado desta forma, como uma vertente da rememoração, pois esta “não só contribui para uma revisão permanente do passado, mas também para um controle consciente sobre o presente.” (OTTE, 1996, p.214)

A objetivação do passado propiciaria ainda uma espécie de terapia para os traumas causados pela violência, tanto durante a escravidão, como atualmente, nas sociedades outrora mantidas pelo trabalho escravo, mas onde até hoje os negros sofrem com as consequências do sistema servil. Isso se dá tanto no processo de conscientização do escravo que, fugindo pela floresta passa a ver o mundo em volta de si, como pela narração de uma história para a adolescente enclausurada no calabouço, na qual se reconhece e, enfim, sai da ruína.

Em *L'esclave vieil homme et le molosse*, o fim da fuga do escravo, que culmina em sua morte, é precedido da descrição de sensações que ele experimenta, de sentimentos que jamais sentira. Ocorre sua saída do calabouço, no qual estivera recluso toda sua vida. São mobilizados o sentido da escuta, do olfato: “Comme pipiri chantant. Un grillé de café dans le petit matin. Le senti d'un bon four à charbon. Un tremblé d'eau sur une corolle qui s'ouvre. Le suint sacré d'une barrique de rhum vieux. [...] Il fut surpris de rien percevoir du tumulte qui l'avait habité” (CHAMOISEAU, 1997, p.82) Em seguida, conhece-se o que parece ser seu estado de espírito, uma paz interior que o habita neste momento de encontro consigo mesmo: “Dans l'apaisement, son coeur s'était réglé aux courbes d'un vent tranquille, fort telle rivière qui descend, mais tranquille. Ses muscles, déraidis, s'étaient pausés au douillet d'un refuge.” (CHAMOISEAU, 1997, p.82). O estado por ele experienciado o induz a realizar um desejo, o de ver, o que seria uma metáfora para sua tomada de consciência: “Une évangélique sensation jamais connue avant. Alors, il eut le désir, le courage, d'ouvrir les yeux, ou plutôt de bouger les paupières. ” (CHAMOISEAU, 1997, p.82)

A fuga para a liberdade, naquele contexto, era praticamente impossível, pois a ilha é exígua e dificilmente um negro fugido passaria despercebido. O sistema seria outra forma de calabouço, no qual o escravo estava encerrado. A narrativa da fuga bem como as reflexões do narrador parecem valorizar esta ação:

Je sus un jour que j'écrirais une histoire, cette histoire, pétrie des grands silences de nos histoires mêlées, nos mémoires emmêlées. Celle d'un vieil homme esclave en course dans les Grands-bois; pas vers la liberté: vers l'immense témoignage de ses os. L'infinie renaissance de ses os dans une genèse nouvelle. (CHAMOISEAU, 1997, p.132)

Os ossos encontrados pelo narrador foram os vestígio de que ele precisava para recontar este capítulo da história, para que, a partir deles, ele pudesse recriar uma versão que propusesse objetivar este elemento do arquivo da escravidão: “Je prends mesure de la matière de ses os. Ni rêve, ni délire, ni fiction chimérique : “l'immense détour qui va jusqu'aux

extrêmes pour revenir aux combats de mon âge, chargé des tables insues d'une poésie nouvelle." (CHAMOISEAU, 1997, p.134)

No romance *Un dimanche au cachot*, o esforço empreendido pelo *Éducateur* para obter a confiança da menina, e fazer com que se quebre a barreira que se instaurou entre ela e o mundo real, é analisado por Eurídice Figueiredo:

Para furar o bloqueio e conseguir se comunicar com ela, o narrador cria uma história que reflete a sua situação, só que no passado. Existe, assim, um paralelismo entre a opressão sofrida por meninas e mulheres hoje e aquela do passado escravista da Martinica. Como Caroline, as escravas também usavam algum tipo de droga a partir de uma planta (*datou, datoura*), que as ajudava a suportar e/ou esquecer a vida que levavam, além do abuso sexual. (FIGUEIREDO, 2008, p.17)

O calabouço, em *Un dimanche au cachot*, seria então uma ruína, de onde o narrador tenta retirar Caroline, a fim de dar prosseguimento ao processo de recuperação de Caroline. A narração das histórias feita por ele para a adolescente é motivada e alimentada pela mobilização de parte dos arquivos da escravidão que este espaço propicia. O narrador parece também ser sensibilizado pelo ambiente obscuro, mas ao mesmo tempo acolhedor, uma mistura de lar, por ser nele onde Caroline encontra refúgio: "Cette chose ancienne l'éveillait. Toute cette construction l'éveillait. L'enfant ignorait la nature de cet abri de pierres, mais y trouvait une renaissance." (CHAMOISEAU, 2007, p.39) Mas também uma espécie de masmorra, na qual as marcas da violência estão presentes: "Pour ceux qui les avaient croisés, ils restaient à jamais inconnus en suscitant pourtant l'inoubliable malaise. » (CHAMOISEAU, 2007, p.39) Esta se apresenta como uma experiência nova para o próprio narrador, pois embora alimentasse o desejo de falar sobre ele: "J'avais donc vu les cachots de loin, jamais entrer dedans, touché à peine, juste capter leur existence pour, un jour, être capable de l'explorer à l'infini: agrandir ce qu'ils sont, tenter de les comprendre, et de les exorciser..." (CHAMOISEAU, 2007, p.39)

O calabouço desperta em Caroline a consciência de um passado no qual pode buscar suas raízes, na medida em que trabalha os traumas que a atormentam no presente. Há um renascimento da adolescente: "Cette "réurrection" était le rêve de tout éducateur. Rien n'est pire que d'avoir la charge de ces enfants que le malheur a foudroyés : Ils ne font que durer dans ce cadavre qu'est devenu leur être. En sortir révélait du miracle." (CHAMOISEAU, 2007, p. 38)

A força da história contada à Caroline propicia sua recuperação, a ponto de ela sair do calabouço, o que representa o tipo de "ressurreição" de que fala o narrador: "Ton histoire a

fait lever une respiration sur sa blessure, bousculé les limites et les bornes de son ombre geôlière, organisé *une relation* entre l'enfant et elle-même..." (CHAMOISEAU, 2007, p.305, Grifos do autor) Não menos contundente é a descrição feita da saída do calabouço pela escrava da história que fora contada a Caroline. Ela também sai da clausura, ainda abatida, mas ereta, passa a olhar de um modo intenso, o que parece sugerir um novo modo de perceber o mundo em torno de si. Seria sua tomada de consciência: "Toute la laideur de cet endroit était concentré là, dans cette jeune fille étique qui s'extirpe du cachot em tremblant, sans force et sans vitalité, et qui pourtant, se dresse, se leve, se tient debout et regarde autour d'elle avec intensité..." (CHAMOISEAU, 2007, p. 306-307).

5 CONCLUSÃO

A proposta deste trabalho foi compreender as estratégias através das quais Patrick Chamoiseau percorre um passado cujos vestígios encontram-se dispersos, na tentativa de recriá-lo através da linguagem literária, para oferecer versões alternativas das histórias da escravidão.

A versão histórica colonial rasurou os relatos das experiências individuais e coletivas, pois, nos manuais, encontram-se somente as narrativas dos vencedores – as datas de chegadas, de batalhas vencidas, de tomadas de territórios. Este modo de encarar os vencidos vai ao encontro do pensamento de Benjamin (1994), cujas reflexões dão conta do papel do historiador na recomposição dos fatos.

Assim, a reescrita proposta por Chamoiseau configuraria uma espécie de combate contra a atitude seletiva da historiografia colonial. Mobilizar os vestígios do passado assim parece dialogar com o “acesso ao arquivo” de que fala Derrida (2001), para quem esta organização propiciaria reinterpretar a história.

A estrutura das narrativas analisadas, compostas por relatos não dispostos em ordem cronológica, desafia os sentidos dos leitores, o que parece ser uma tentativa de chamar a atenção para o processo de recomposição de um passado, disperso na memória, cujo acesso e apreensão não são evidentes. Seria uma proposta de reescrita da história, de recuperação de um passado, no entanto conectada às contemporâneas formas de escrita, fragmentadas, fissuradas, duvidosas quanto à sua capacidade de transmitir o que se propõe.

O discurso histórico seria uma maneira de a sociedade buscar estabelecer laços de pertencimento, para que seus membros possam reconhecer-se em seu âmbito, e assim poderem estruturar-se enquanto sujeitos, vinculados aos valores, sentimentos de pertença, emanados desta comunidade. Seria a possibilidade de colocar em cena questionamentos cruciais para os martinicanos, indivíduos nos quais o “ressentimento se manifestou de maneira latente, se exprimiu de forma aberta e foi a motivação de ações coletivas repetidas.” (COTTIAS, 1997, p. 309)

A própria escrita dos romances seria uma metáfora para a reelaboração da questão da escravidão, recalcada na sociedade, e fonte do ressentimento com o qual convivem os habitantes da ilha. Assim, o discurso literário, enquanto espaço de reflexão deste aspecto da história, realizaria uma espécie de libertação, ao narrar versões alternativas com as quais os indivíduos possam projetar-se.

O combate através do imaginário, pretendido por Chamoiseau, pode ser visto em seus romances – nas temáticas escolhidas, como as questões culturais, políticas –, mas também em seu trabalho teórico. Nas palavras endereças ao *Guerrier*, uma das figuras de que o narrador se reveste para narrar os fatos, podem-se encontrar o norte de seu embate, como o cuidado para não cair nos discursos totalitários: “*Guerrier*, há grande sensibilidade nas coisas da existência. Não compreender, mas perceber. Temer as militâncias, os dogmas, as doutrinas...” (CHAMOISEAU, 1997, p.280) Aconselha-se evitar o discurso ordinário, talvez representado pelos lugares comuns do texto histórico tradicional, antes buscar “margear o inexprimível. Cantar o indizível. Habituar-se ao opaco.” (CHAMOISEAU, 1997, p. 280) O olhar para as ações dos indivíduos não deveria ser reducionista ou simplista, mas atento à sua complexidade: “Apreender os fatos humanos como fluxo de informação complexa.” (CHAMOISEAU, 1997, p. 280) Enfim, um trabalho que reúna as particularidades das disciplinas produtoras de discursos teóricos e artísticos, para que possa concretizar seu dizer e dele produzir experiências nas quais haja a produção de conhecimento: “Não um trabalho de enquete, de etnologia, de linguística, de história, nem um fogo poético – mas tudo isso ao mesmo tempo sem ser a soma de tudo isso. Um exercício de conhecimento.” (CHAMOISEAU, 1997, p. 280)

No primeiro capítulo, ao apresentar o autor, seu lugar de enunciação, seu projeto literário e político, sua forma de atuação em nível textual – narradores, temas –, seus laços afetivos com outros intelectuais, pretendeu-se lançar base para o porquê abordar os romances *L’esclave vieil homme et le molosse* e *Un dimanche au cachot* como alternativas discursivas para as versões históricas coloniais impostas. Uma possibilidade de enxergar e compreender o mundo a sua volta. Ainda que não se desse conta disso, tal era a ânsia do escravo, no início do romance, quando o narrador interpreta seu olhar: “Il y a là, devant la case, un vieil homme qui ne sait rien de « poésie », et dont la voix seule s’oppose. [...] J’ai vu ses yeux, j’ai vu ses yeux égarés chercher l’espace du monde.” (CHAMOISEAU, 1997, p. 16)

No segundo capítulo, a apresentação dos romances e a possibilidade de lê-los como possíveis alternativas à história documental, buscou-se discutir o estatuto do texto literário enquanto produtor de novos olhares sobre questões históricas. Falou-se do conceito de identidade narrativa, de Paul Ricoeur (2000), como um tipo de identidade à qual um indivíduo acede graças à mediação da função narrativa. Neste sentido, as obras estudadas de Chamoiseau parecem proporcionar uma construção identitária por meio de um discurso ficcional alternativo, ao mobilizar e reconstituir um passado disperso.

No último capítulo, as teorias críticas a respeito de memória, arquivo e história foram acionadas para que se pudesse estabelecer uma aproximação entre o discurso histórico e o literário, quando este último camufla-se de relato documental, lançando mão da liberdade e da inventividade do texto ficcional. Com o desenvolvimento da noção de teoria do calabouço e a aplicação deste em ambos os romances, pretendeu-se mostrar como o discurso ficcional pode ser capaz de trazer à tona relatos e questionamentos que estiveram por muito tempo escondidos ou presos nos calabouços da memória, e ainda, como este exercício de reflexão tornaria possível o surgimento de alternativas discursivas para problemas sociais, como os de ordem identitária.

A investigação a que se propôs este trabalho durante este tempo de pesquisa, parece ter encontrado no exercício da atividade literária um espaço privilegiado para o desenvolvimento de reflexões capazes de provocar o senso crítico do leitor e propor novos imaginários para questionamentos existentes. Sendo assim, o combate através do imaginário artístico se configuraria como uma maneira eficiente de deslocar a percepção, fazer perguntas e apontar alternativas.

Desta forma, pensar as culturas marginalizadas tendo como base o ponto de vista de intelectuais oriundos destas regiões configurou-se um modo distinto de conhecer e pensar realidades, repertoriadas e reportadas pelo olhar e por outras vozes. Sendo assim, ainda que haja um limite no alcance das reflexões desta pesquisa, parece que foi possível examinar como a literatura pode ser um discurso alternativo aos impostos pela historiografia tradicional.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERNABE, Jean, CHAMOISEAU, Patrick, CONFIANT, Raphaël. *Éloge de la créolité*. Paris: Gallimard, 1999.
- BUTEL, Paul. *Histoire des Antilles françaises*. Paris: Perrin, 2002.
- CÉSAIRE, Aimé. *Cahier d'un retour au pays natal*. Paris-Dakar : Présence Africaine, 1983.
- CHAMOISEAU, Patrick. *Bibliographie des derniers gestes*. Paris, Gallimard, 2002.
- _____. *Chronique des sept misères*. Paris : Gallimard, 1986.
- _____. *Écrire en pays dominé*. Paris : Gallimard, 1996.
- _____. *Le déshumain grandiose*. Postface: De la mémoire obscure à la mémoire consciente. Gallimard, 2010.
- _____. *L'esclave viel homme et le molosse*. Paris : Gallimard, 1997.
- _____. *Solibo magnifique*. Paris : Gallimard, 1997.
- _____. *Texaco*. Paris : Gallimard, 1992.
- _____. *Métiers créoles: Tracées de mélancolies*. Martinique: Traces HSE, 1999.
- _____. *Un dimanche au cachot*. Paris : Gallimard, 2007.
- CHAMOISEAU, Patrick e GLISSANT, Édouard. *L'intraitable beauté du monde*. Paris :Ed. Galaade, 2009.
- CODES NOIRS: de l'esclavage aux abolitions. Ed. Dalloz, 2006.
- COTTIAS, Myriam. "L'oubli du passé" contre la "citoyenneté" : troc et ressentiment à a Martinique (1848-1946). In CONSTANT, Fred, DANIEL, Justin. *1946-1996*. Paris: L'Harmattan, 1997. p. 293-313.
- DANIEL, Justin. *1946-1996: cinquante ans de départementalisation outre-mer*. Paris: L'Harmattan, 1997. p. 11-22
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DUBY, Guy. In: DUBY, Georges; LARDREAU, Guy. *Diálogos sobre a Nova História*. Anais 12. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1989.

EAGLEATON, Terry. *A idéia de cultura*. Tradução: Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FANON, Frantz. *Les damnés de la terre*. Paris: Seuil, 1991.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Niterói: EDUFF, 1998.

_____. A reescrita da escravidão em Patrick Chamoiseau. *Revista Brasileira do Caribe*. Universidade de Brasília, vol IX, nº17 (jul./dez.), 2008. p. 13-34.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O enigma do passado: Ricoeur e a "justa memória". *Mente, cérebro e filosofia: presença do outro e interpretação* (Ricoeur e Gadamer), n. 11, p. 44-49, 2007.

GLISSANT, Édouard. *Le Discours Antillais*. Paris : Gallimard, 1997.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LAMONDE, Yvan. *Qual história nos contamos ? Ficção literária e história*. Tradução Nubia Hanciau & Letícia Gasque. Rio Grande: FURG, 2007.

LEIRIS, Michel. *Contacts de civilisations en Martinique et en Guadeloupe*. Paris : Ed. GALLIMARD, 1955.

LEVY, David. A identidade narrativa: conhecer o si-mesmo é narrar sua história. *Mente, cérebro e filosofia: presença do outro e interpretação* (Ricoeur e Gadamer), n.11, p. 50-57, 2007

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

KI-ZERBO, Joseph. Para quando a África: entrevista com René Holeinstein. Tradução: Carlos Aboin de Brito. Rio de Janeiro: Palias, 2006.

MARCUSE, Herbert. *A arte na sociedade unidimensional*. In: LIMA, Luís Costa (org). *Teoria da cultura de Massa*. RJ: Paz e Terra, 1990. p. 245-256.

MIRANDA ROBLES, Franklin. *Hacia una narrativa afroecuatoriana. Cimarronaje cultural en América Latina*. Quito: ABYA YALA/ Casa de la Cultura Ecuatoriana NúcleoEsmeraldas, 2005. 198 p.

MIRANDA, Wander Melo (org). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG; CEL/UFMG, 1995.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. Nº 10. 1993. p. 7-28.

NORONHA, Jovita. *Uma vida em ato: a autobiografia intelectual de Patrick Chamoiseau*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2003.

OTTE, George. Lembrança e citação em Walter Benjamin. In: *Revista de Estudos de Literatura*. Belo Horizonte, v.4, out. 1996. p. 211-223.

PARISOT, Yolaine. *Littératures caribéennes: écrire le présent dans les marges de la contre-histoire*. In: Véronique Bonnet, Guillaume Bridet et Yolaine Parisot (dir.), *Caráibe et océan Indien : questions d'histoire, Itinéraires. Littérature, textes, cultures*, Paris: CENEL (Université Paris 13) / L'Harmattan, 2009, p. 109-126.

RANCIÈRE, Jacques. *Será que a arte resiste a alguma coisa?* In: Simpósio Internacional de Filosofia, 5., 2004, Fortaleza. Nietzsche/Deleuze: arte, resistência. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo III. Tradução de Maria Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1995.

SALLES GENTIL, Hélio. O que é interpretar? *Mente, cérebro e filosofia: presença do outro e interpretação* (Ricoeur e Gadamer), n. 11, p. 16-25, 2007.

SARLO, Beatriz. *Tiempo presente: Notas sobre el cambio de uma cultura*. Buenos Aires, Siglo XXI Editores Argentina, 2002.

TELCHID, Sylviane. *Dictionnaire du français régional des Antilles: Guadeloupe, Martinique*. Paris: Ed. Bonneton, 1997.

VIANNA, Magdala França. Entrevista com Patrick Chamoiseau. In: *Revista Brasileira do Caribe*. Universidade Federal de Goiás, vol VI, nº 12, (jan./jun.), Goiânia, Ed. CECAB, 2006. p. 581-593.

WALTER, Roland. Memória, História e Identidade Cultural. In: *Revista Brasileira do Caribe*, Brasília, vol. IX, Nº 17, 117-148, 2008. p. 85-116.